CARTA AO LEITOR

AMOR À CAMISA

Durante muitos anos não deve ter sido fácil para o gremista ler PLACAR. Afinal, o surgimento da revista, em 1970, coincide com um período terrível na memória dos torcedores tricolores: a série de títulos gaúchos do Internacional de 1969 a 1976, que culminou com dois títulos brasileiros. A maré, porém, começa a mudar em 1977, quando os gremistas mais jovens começaram a se dar conta de que o mundo não era necessariamente um lugar cruel e sem sentido. Desde então, a revista vem acompanhando a irresistível ascensão do Grêmio, que superou o rival na importância das conquistas (afinal, são seis títulos nacionais, entre Brasileiro e Copa do Brasil, duas Libertadores e um Mundial) e se colocou definitivamente na lista de grandes clubes do planeta. É a história dessa evolução que as 23 reportagens originais desta revista procuram contar.

P.S.: A camisa do Grêmio que ilustra a capa desta edição nos foi cedida por cortesia do colecionador paulista João Trinca. Ela foi vestida por Everaldo (não o lateral tricampeão em 1970, mas um atacante) no jogo São Paulo 0 x 1 Grêmio, em 1 de julho de 1978.

ANDRÉ FONTENELLE, REDATOR-CHEFE

SUMÁRIO

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente Executivo e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidente Comercial: Carlos R. Berlinck
Diretor de Publicidade: Paulo Cesar Araújo
Vice-Presidente de Negócios: Giancarlo Civita

Diretor de Núcleo: Paulo Nogueira

Diretor de Redação: Sérgio Xavier Filho **Diretor de Arte:** Fábio Bosquê Ruy **Redator-Chefe:** André Fontenelle **Editor de Fotografia:** Ricardo Corrêa Ayres **Editores Especiais:** André Rizek, Arnaldo Ribeiro e Fabio Volpe **Repórteres:** Eduardo Cordeiro, Léo Romano e Rodrigo Garofalo **Subeditor de Fotografia:** Alexandre Battibugli **Fotógrafo:** Eduardo Monteiro (RJ) **Diagramadores:** André Koguti e Crystian Cruz **Atendimento ao Leitor:** Silvana Ribeiro **Colaboraram:** Leonardo Fuhrmann, Marcelo Monteiro, Renata Chiurciu, Rita Palon

APOIO EDITORIAL: Depto. de Documentação: Susana Camargo **Abril Press:** José Carlos Augusto **Nova York:** Grace de Souza **Paris:** Pedro de Souza **Rio de Janeiro:** Débora Chaves

Diretor Comercial: Alexandre Caldini

MARKETING E CIRCULAÇÃO: Diretor: Ricardo Packness de Almeida **Gerente de Produto:** Euvaldo Junior **Assistente de Produto:** Erica Lemos **Promoções e Eventos:** Marina Decânio **Projetos Especiais:** Cristina Ventura
PUBLICIDADE: Diretores: Eliani Prado, Rogério Gabriel Comprido, Sérgio Ricardo do Amaral **Gerentes:** Cristiane Tassoulas, Ricardo Luttgardes (RJ) **Executivas de Negócios:** Leda Costa (RJ), Maria Isabel Mandia **Executivos de Contas:** Emiliano Hansenn, Henri Marques (RJ), Renata Miolli
PROCESSOS: Gerente de Produção: Andrea Giovanni Spelta **Coordenadores de Publicidade:** Irla Ferneda, Renato Rosante **Coordenador de Produção:** Ricardo Carvalho
PLANEJAMENTO E CONTROLE: Gerente: Auro Iasi **Consultora Financeira:** Lourdes Oliveira

Gerente Escritório Brasília: Angela Rehem de Azevedo **Diretor de Publicidade Regional:** Jacques Ricardo **Diretor Escritório Rio de Janeiro:** Paulo Renato Simões **Representante em Portugal:** Manuel José Teixeira **Diretor de Publicidade - Classificados:** Pedro Codognotto
ASSINATURAS: Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor: Ana Dávalos
Diretor de Vendas: William Pereira

EM SÃO PAULO: Redação e Correspondência: av. das Nações Unidas, 7221, 15° andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel.: (11) 3037-2000, fax: (11) 3037-5638 **Publicidade:** av. das Nações Unidas, 7221, 14° andar, Pinheiros, CEP 05425-902.
ESCRITÓRIOS E REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE NO BRASIL: Belo Horizonte: av. do Contorno, 5919, 9° and., Bairro do Carmo, CEP 30110-100, Vânia R. Passolongo, tel.: (31) 282-0630, fax: (31) 282-8003 **Blumenau:** r. Florianópolis, 279, Bairro da Velha, CEP 89036-150, M. Marchi Representações, tel.: (47) 329-3820, telefax: (47) 329-6191 **Brasília:** SCN - Q.1 bl. Ed. Brasília Trade Center, 14° and., sl. 1408, CEP 70710-902, Solange Tavares, tel.: (61) 315-7575, fax: (61) 315-7558 **Campinas:** r. Conceição, 233, 26° and., conjs. 2613/2614, CEP 13010-916, CZ Press Com. e Representações, telefax: (19) 3233-7175 **Curitiba:** av. Cândido de Abreu, 651, 12° and., Centro Cívico, CEP 80530-000, Marlene Hadid, tel.: (41) 352-2426, fax: (41) 252-7110 **Florianópolis:** r. Manoel Isidoro da Silveira, 610, sl. 107, Com. Via Lagoa da Conceição, Interação Publicidade, tel.: (48) 232-1617, telefax: (48) 232-1782 **Fortaleza:** av. Desembargador Moreira, 2020, sls. 604/605, Aldeota, CEP 60170-002, SRS Propaganda e Repres. e Com. Ltda., telefax: (85) 264-3939 **Goiânia:** r. 10, 250, lj. 2, Setor Oeste, CEP 74120-020, Middle West Repres. Ltda., tel.: (62) 215-3274, telefax: (62) 215-5158 **Joinville:** r. Dona Francisca, 260, cj. 1408, Centro, CEP 89201-250, Via Mídia Proj. Editoriais Mkt. e Repres. Ltda., telefax: (47) 433-2725 **Londrina:** r. Manoel Barbosa da Fonseca Filho, 500, Jd. San Fernando, CEP 86040-550, Best Seller Repres. Com., telefax: (43) 325-9649 **Porto Alegre:** r. dos Andradas, 1001, sl. 902, Centro, CEP 90020-007, Ana Lúcia R. Figueira, tel.: (51) 3211-6744, fax: (51) 3211-6908 **Recife:** av. Dantas Barreto, 1186, 15° and., sl. 1501, São José, CEP 50020-000, MultiRevistas Publicidade Ltda., telefax: (81) 424-3210 **Ribeirão Preto:** r. João Penteado, 190, CEP 14025-010, Intermídia Repres. e Publ. S/C Ltda., tel.: (16) 635-9630, fax: (16) 635-9233 **Rio de Janeiro:** Praia de Botafogo, 501, 1° and., bl. B, Botafogo, CEP 22250-040, Paulo Renato Simões, tel.: (21) 2546-8100, fax: (21) 2546-8201 **Salvador:** av. Tancredo Neves, 805, sl. 401, Edif. Espaço Empresarial, Pituba, CEP 41820-021, AGMN Consult. Publ. e Repres., telefax: (71) 341-4992/4996 **Vitória:** av. Rio Branco, 304, 2° and., cj. 44, Sta. Lúcia, CEP 29055-916, DU'Arte Propag. e Marketing Ltda., telefax: (27) 325-3329
ESCRITÓRIOS NO EXTERIOR: Nova York: 104 West 27th Street, 11th floor, New York, N.Y. 10001, tel.: (1-212) 924-0001, fax: (1-212) 929-5157, e-mail: abril@walrus.com **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, tel.: (00331) 42.66.31.18, fax: (00331) 42.66.13.99, e-mail: abril-paris@wanadoo.fr **Portugal - Importação Exclusiva e Comercialização:** Abril-Controljornal-Editora, Lda., Largo da Lagoa, 15C, 2795 Linda-a-Velha, tel.: (003511) 416-8700, fax: (003511) 416-8701. Distribuição: Deltapress-Sociedade Distribuidora de Publicações, Lda., Capa Rota, Tapada Nova, Linhó, 2710 Sintra, tel.: (003511) 924-9940, fax: (003511) 924-0429

EDITORA ABRIL: Interesse Geral: Veja, Veja São Paulo, Veja Rio, Veja Edições Regionais, Veja na Sala de Aula, Superinteressante, Web **Negócios:** Exame, Brasil em Exame, Melhores & Maiores, Você S.A., Info Exame **Femininas:** Claudia, Claudia Cozinha, Elle, Nova, Nova Beleza, Capricho, Manequim, Ponto Cruz, Faça e Venda, Boa Forma, Viva Mais!, Anamaria, Contigo, Minha Novela, Horóscopo **Masculinas:** Playboy, Placar, Quatro Rodas, Vip **Turismo e Aventura:** Viagem e Turismo, National Geographic **Guias:** Brasil, Rodoviário, São Paulo, Rio de Janeiro, Campinas, Belo Horizonte, Estradas, Praias, Mapas das Capitais, Rio-Santos, Atlas Rodoviário **Casa e Família:** Casa Claudia, Arquitetura & Construção, Saúde!, Bons Fluidos **Infanto-Juvenis:** Ação Games, Recreio, Digimon, Disney, Super-heróis, revistas e livros de atividades **Abril Multimídia:** Livros Ilustrados, CDs, Fascículos e Vídeos em Séries **Anuários:** Almanaque Abril, CD-ROM do Almanaque Abril, Guia Abril do Estudante
Editora Caras, Editora Símbolo, Abril Controljornal/Edipresse, em Portugal, Editorial Primavera, na Argentina
Internet: Idealyze, Abril.com, UOL, Usina do Som, @jato **Entretenimento:** MTV Brasil, Abril Music, Abril Eventos, Abril Produções **TVA:** TVA Rio, TVA Sul Paraná, TV Filme Goiânia, TV Filme Brasília, TV Filme Belém **Datalistas:** O maior e mais completo banco de dados do país **Educação:** Editora Ática, Editora Scipione **Fundação Victor Civita:** Nova Escola

PLACAR 1204-G (ISSN 0104-1762), ano 32, é uma publicação semanal da Editora Abril S.A. **Edições anteriores:** solicite ao seu jornaleiro ou pelo e-mail: abril.ea@abril.com.br. O preço será o da última edição em banca, acrescido da tarifa de postagem quando for enviada pelo correio (sempre que houver disponibilidade no estoque). Distribuída em todo país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

ANER

www.abril.com.br

Presidente e CEO: Roberto Civita
Gabinete da Presidência: José Augusto Pinto Moreira, Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidentes: Carlos R. Berlinck, Cesar Monterosso, Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal, Valter Pasquini

FINALMENTE CHEGAVA A VEZ DO GRÊMIO. Um gol de André (que se machucou ao tomar impulso para uma frustrada cambalhota) acabava com oito anos de supremacia colorada

GRÊMIO NO DIA DE SONHO

A festa tinha começado na véspera. Sábado, sentia-se no ar que o Grêmio seria campeão >> **POR DIVINO FONSECA**

Sabe o que são oito anos de espera, irmão? Excetuados os padrões corintianos, é tempo que não acaba mais. E no Rio Grande do Sul não é como nos outros Estados, onde torcidas derrotadas se consolam mutuamente. Também não se pode dizer que o triste se recolhe à sua solidão. O inimigo vitorioso — o único inimigo — não dá trégua. Só não dá para afirmar que o sofrimento é insuportável porque as torcidas estão aí para isso — para suportar. E até crescem.

Mas tinha chegado a hora de explodir, de virar tudo. A torcida do Grêmio sentiu que a hora tinha chegado. Faltavam só cinco minutos — e só quem torce sabe que isso é tempo demais para quem esperou oito anos. O Grêmio, mais uma vez neste campeonato, tinha mostrado mais time. Tinha feito seu gol. E não seria o restinho de reação que faria o Inter marcar o seu e adiar a decisão para domingo no Beira Rio. Como os brigadianos não ligaram quando dois ou três pularam o fosso — afinal, eles vão a campo para assistir ao jogo —, a panela de pressão acabaria por estourar. De repente, campo invadido. Centenas abraçando seus heróis, achando que o cronômetro do juiz Luís Torres era coisa secundária.

De passagem, tocavam flauta nos jogadores do Inter. Talvez até lhe dessem empurrões. Daí para o conflito, um tapa. Jogo melado. Jogadores colorados brigando bravamente como o já ensangüentado Escurinho, o calmo Jair. Aí, a torcida do Inter sentiu: a confusão poderia favorecer seu time. E invadiu para arrancar uma das redes. Escurinho foi levado ao hospital, dirigentes do Inter retiraram o time, alegando falta de segurança. Não concordou Luís Zetterman Torres: limpada a área pela polícia de choque, esperou meia hora e declarou o Grêmio vencedor. Campeão, portanto. O funcionário da federação levou a taça.

Não importa. Não importa que o Inter vá para os tribunais, com argumentos ponderáveis. Importa que um time lutou pelo título até o fim. Provou que é o melhor. E não seria justo puni-lo pelo excesso de euforia de parte de sua torcida. Foi com a certeza de que nada lhe tirará a taça que a torcida tricolor voltou a invadir. Acompanhou os heróis na volta olímpica. Saiu para o carnaval nas ruas, madrugada afora. A festa tinha começado na véspera. Sábado, sentia-se no ar que o Grêmio seria campeão. O time encarou a hora com naturalidade. Era mais do que "uma emoção bem conduzida", como o definiam alguns colorados. Mostrou as boas jogadas como se fosse um jogo comum.

"Se errar, a gente faz depois", murmurava um torcedor das cativas, esperando Tarciso bater o pênalti, aos 25 do primeiro. Tarciso errou. Mas o Grêmio era time e torcida com uma certeza. Aos 42, o ataque entrou tocando, André acertou o ângulo. Na cambalhota comemorativa se quebrou, foi substituído por Alcindo.

No segundo, mais calma — quem daria chance ao azar? O Inter lutando como touro ferido, motivado por Gainete, técnico promovido dos juvenis para substituir Sérgio. O jogo caiu. Mas sempre nas mãos do Grêmio: Oberdã comandando, Iúra e Tadeu jogando um bolão, Tarciso, Éder, André, perigosos. Grêmio frio, guerreiro. Oito anos... não dava para esperar cinco minutos.

"COMO OS BRIGADIANOS NÃO LIGARAM QUANDO DOIS OU TRÊS PULARAM O FOSSO — AFINAL, ELES VÃO A CAMPO PARA ASSISTIR AO JOGO —, A PANELA DE PRESSÃO ACABARIA POR ESTOURAR. DE REPENTE, CAMPO INVADIDO"

25/9/77 OLÍMPICO (PORTO ALEGRE)
GRÊMIO 1 X 0 INTERNACIONAL
J: Luís Zetterman Torres; **G:** André Catimba 42 do 1º
GRÊMIO: Corbo, Eurico, Cassiá, Oberdan e Ladinho; Vítor Hugo, Tadeu e Iúra (Vílson Cavalo); Tarciso, André Catimba (Alcindo) e Éder. **T:** Telê Santana
INTERNACIONAL: Benítez, Bereta (Jair), Marinho Peres, Gardel e Vacaria; Caçapava, Batista e Escurinho, Valdomiro, Luisinho e Santos (Dario). **T:** Carlos Gainete

Tadeu Ricci buscando a bola, Benítez no chão e André voando: a acrobacia não acabaria bem

OS GREMISTAS já não tinham mais complexo dos colorados. O título daquele ano veio com uma humilhação a mais para o rival, o terceiro lugar, atrás do Caxias

É ATÉ COVARDIA

Grêmio campeão dez pontos à frente do Inter

» POR DIVINO FONSECA

Formiga canta? No Rio Grande do Sul, formiga que trabalha no futebol, e depois que ganha campeonato, canta. E mais: cigarra, quando perde, chora.

No início do ano, os dirigentes do Inter zombavam dos gremistas, que além de construírem o estádio, tratavam de reforçar o time: "Quem precisa trabalhar são eles. Nós somos campeões." E, quando lhes perguntavam sobre seu próprio time, Marcelo Feijó e Gilberto Medeiros respondiam: "Na hora certa, reagiremos."

Daí que não eram só os 3 x 0 sobre o Brasil de Pelotas e o título de campeão gaúcho de 79 que a enlouquecida torcida tricolor comemorava. Eram, principalmente, os dez pontos de diferença sobre o esnobe adversário, inédita, arrasadora, humilhante diferença, em que oito pontos foram livrados em apenas 11 rodadas do octogonal. Um justo prêmio aos gremistas. Um merecido castigo à cartolagem do Inter, que chorava mais uma derrota — desta vez para o Caxias — e o terceiro lugar do certame.

Tão logo o juiz apitou o final, milhares de torcedores invadiram o gramado do Olímpico e abafaram os jogadores, deixando-os apenas de sunga. O boneco vermelho enforcado, o caixão de defunto, as dezenas de faixas — entre elas, "com Marcelo e Gilberto o bi é certo" —, estava tudo lá. Alguns jogadores se apavoraram com o turbilhão. Mas o goleiro Manga, no braços do povo, rindo como ele só, dizia: "Hoje é tudo alegria, deixa a massa fazer o que bem entender."

O mais emocionado era Ancheta, autor do primeiro gol: desde 71, quando chegou, só perdeu. Na decisão vitoriosa de 77, estava fora, machucado. André agradecia a Fantoni — Baltazar com a bola cheia, o titio substituiu-o pelo Catimba, que entrou e marcou o seu. O jogo da festa tinha redimido velhos craques. Mas um dos mais entusiasmados era o jovem Éder: além de ter construído as jogadas dos dois primeiros gols, marcou o terceiro. Foi um dos grandes nomes do campeonato e o craque deste jogo em que a emoção travou o talento da maioria. Mas aqueles 50 mil torcedores perdoavam e aplaudiam tudo. O time já lhes dera o que de melhor poderiam desejar. Um dos melhores times que o Grêmio formou em toda a sua história.

"O MAIS EMOCIONADO ERA ANCHETA, AUTOR DO PRIMEIRO GOL: DESDE 71, QUANDO CHEGOU, SÓ PERDEU. NA DECISÃO VITORIOSA DE 77, ESTAVA FORA, MACHUCADO"

9/9/79 OLÍMPICO (PORTO ALEGRE)
GRÊMIO 3 X 0 BRASIL
J: Aírton Bernardoni; **R:** Cr$ 1 710 803; **P:** 41 798; **G:** Ancheta 19 do 1º; André Catimba 35 e Éder 41 do 2º
GRÊMIO: Manga, Vílson Cavalo, Ancheta, Vantuir e Dirceu; Vitor Hugo, Jurandir e Paulo César Caju; Tarciso, Baltazar e Éder. **T:** Orlando Fantoni
BRASIL: Gilberto, Luiz Carlos, Renato Mineiro, Tino e Cláudio Radar; Doraci, Odir e Jorge Luiz; Flecha, Edson (Paulo Garça) e Tadeu Silva

No Gauchão de 79 , o Grêmio fez até nevar, como no empate em 0 x 0 contra o Esportivo na Serra

O GRÊMIO CHEGOU à última rodada do hexagonal decisivo precisando de um empate para conquistar seu primeiro título no Beira Rio. Para três jogadores, Vantuir, Vicente e Vítor Hugo, a conquista teria um gosto especial

OS TRÊS HERÓIS DO BI

O 0 x 0 valeu o bi e quebrou a magia do Inter, nunca derrotado em sua casa quando o jogo valia campeonato. Tudo na vida, porém, tem uma primeira vez. Foi agora

>> POR EMANUEL MATTOS

Esse menino que chora abraçado a Vítor Hugo no vestiário bem que merecia levar a camisa do volante gremista, mas não vai levar, nem ele nem ninguém. Vítor Hugo caminha pelo vestiário só com a camisa no corpo suado – está nu da cintura para baixo. Essa camisa é um troféu precioso demais para ser doado, é o símbolo de 90 minutos guerreados, de um empate heróico, da primeira festa da desvairada torcida gremista no Beira Rio, até então palco exclusivo de festas de seu dono, desde a fundação, há 11 anos.

Mas aquela camisa 5 não saía daquele corpo por uma outra razão: o Grenal tinha marcado a despedida de Vítor Hugo do Grêmio. "Estou acertado com o Palmeiras há um mês." Para quem o ouvia, ficava difícil entender como ele foi capaz de dar tantos carrinhos, de se expor em tantas divididas – logo ele que no decorrer do campeonato tinha sido posto na geladeira pelos cartolas e só voltou por exigência do técnico Paulinho de Almeida.

Lá fora a Banda Imperial Areal da Baronesa comanda o arrastão carnavalesco. Cá dentro, está cada vez mais difícil Vítor Hugo conter as lágrimas: "Dedico esse título a meus pais e aos amigos que testemunharam o meu sofrimento. Houve momentos em que eu até me senti como inimigo na trincheira. Agora estou com um troço preso na garganta, não sei se choro, não sei se grito. É alegria por ter sido campeão três vezes em quatro anos e tristeza por ir embora."

Vítor Hugo comandou a resistência tricolor, uma resistência heróica, e que contou com a ajuda do técnico colorado Ênio Andrade – já dão como desculpas os colorados chorosos – cuja estrela deixara de brilhar quatro dias antes. Derrotado em São Borja, o Inter ficou um ponto atrás e precisava ganhar. Aí começaram os erros de Ênio: 1) Tirou a revelação Barbieri do time; 2) escalou Valtinho ressentido de lesão – o ponta saiu aos 3 minutos; 3) deixou Jones no banco em favor de Bira e mandou insistir no jogo aéreo, justamente o forte de Jones e o fraco de Bira.

Vantuir limitava-se a olhar o capitão Leão erguer a imensa taça. "Fico feliz, mas não vou comemorar, pois sofri muitas críticas. Como o Vítor Hugo. Como o Vicente." A seu lado, Vicente fazia um intervalo nos seus sorrisos para explicar: "Lembra que me culparam pelos dois gols do Valdomiro na decisão de 78? Pois é, naquele dia eu prometi para os meus filhos que não largaria o futebol antes de ganhar um título em cima do Inter. Aí está a minha resposta."

Havia outros com motivos para desabafos. Como Nelinho, que dedicava o título a Hílton Chaves, técnico com quem brigou no Cruzeiro. Como Vílson Tadei, que jamais ganhara um título em dez anos de carreira. E como Paulinho de Almeida, o terceiro técnico do Grêmio neste ano, que de tão entusiasmado foi a pé com a torcida do Beira Rio até o Olímpico.

Mas nenhum deles recebeu o bi com tanta emoção como Vítor Hugo, Vantuir e Vicente, as muralhas. Quando o ônibus chegou ao Olímpico e os jogadores foram à capela para se darem as mãos e rezar, os três se abraçaram. Aí, Vítor Hugo não agüentou mais: começou a chorar, agarrando o distintivo da camisa 5 com as duas mãos.

À saída, um torcedor tentou lhe tirar a camisa e quase apanhou. Os outros que estavam por ali desistiram de levar aquele troféu. Por respeito aos motivos de Vítor Hugo. E por medo de levar um soco. E esse soco seria, no fundo, a sua maneira de fazer mais uma declaração de amor ao Grêmio bicampeão.

"VICENTE: 'LEMBRA QUE ME CULPARAM PELOS DOIS GOLS DO VALDOMIRO NA DECISÃO DE 78? POIS É, NAQUELE DIA EU PROMETI PARA OS MEUS FILHOS QUE NÃO LARGARIA O FUTEBOL ANTES DE GANHAR UM TÍTULO EM CIMA DO INTER'"

23/11/80 BEIRA RIO (PORTO ALEGRE)
INTERNACIONAL 0 X 0 GRÊMIO
J: Carlos Sérgio Rosa Martins; **R:** Cr$ 8 886 140; **P:** 55 876
INTERNACIONAL: Benítez, Carlos Alberto Barbosa, Mauro Pastor, Mauro Galvão e Bereta; Batista, Jair e Cleo (Toninho); Valtinho (Silvinho), Bira e Mário Sérgio. **T:** Ênio Andrade
GRÊMIO: Leão, Nelinho, Vantuir, Vicente e Dirceu; Vítor Hugo, Paulo Isidoro e Vílson Tadei (Bonamigo); Tarciso, Baltazar e Renato Sá (Jurandir). **T:** Paulinho de Almeida

Vantuir, que puxava Jair, que puxava Nelinho: o primeiro título gremista na casa colorada

O MESMO ÊNIO ANDRADE que deu o título nacional ao Inter em 1979 agora oferecia sua primeira conquista nacional ao outro grande de Porto Alegre. O São Paulo provava o veneno que impôs ao Atlético-MG em 1977: perder a final em casa, como favorito

DÁ-LHE, DÁ-LHE, DÁ-LHE GRÊMIO

Canta, gremista, teu canto de amor e de guerra. Canta que teu time é o grande campeão. Um campeão feito à tua imagem, atrevido, alegre, valente, e, sobretudo, apaixonado

» POR JOSÉ MARIA DE AQUINO

O louro Odair, miúdo e arisco, continua a viver um conto de fadas. Flutua nas nuvens desde 79 quando, juvenil, participou de alguns jogos do campeonato Gaúcho. Foi campeão. Em 80, efetivado na ponta-esquerda, ajudou a conquistar o bi. Alguns meses depois, mais arisco que nunca, é campeão brasileiro. Com um detalhe inesquecível para um garoto que nem chegou aos 20 anos: "Sabe, levei uma porrada do Oscar, um cara de Seleção! Nem senti dor. Foi até um prazer saber que um cobrão teve que apelar para parar o meu futebol..."

Palavras puras, próprias de quem acaba de suar uma decisão. Mais do que a conquista, os heróis do Grêmio lavaram a alma da aparente humilhação amargada nos últimos dias, quando imprensa e boa parte do público os consideraram time de segunda classe. Ao menos em relação à "seleção" do outro tricolor, o São Paulo. Daí, a análise do uruguaio De León, que desembarcou em Porto Alegre, janeiro passado, prometendo o título brasileiro:

— Foi como no Mundialito. Lá, o Uruguai teve de enfrentar um Brasil cheio de estrelas, e tivemos de nos transformar em algo mais que atletas. Fomos humildade e dedicação. Fomos campeões. Para alguns, com poucos méritos técnicos, mas quem pode negar nossa garra? Sabe, o melhor time é o time campeão, e o Grêmio é isso. Há duas coisas que um time campeão precisa ter: jogadores-homens e homens-jogadores.

O tiziu Paulo Isidoro destilava, ao lado, seu sabor de vingança: "Todo mundo sabe que decisão é 90 minutos. Todo mundo, menos o São Paulo de hoje." Vílson Tadei, o armador que os paulistas desprezaram, exultava. "O São Paulo sempre achou que ganharia quando bem quisesse, mas isso não existe", dizia, ele que foi dispensado sumariamente pelo técnico Carlos Alberto, em início de 80.

Vingança, embora de outro tipo, curtiu o artilheiro Baltazar. Após o pênalti perdido na quinta-feira no Olímpico, ele sentenciou:

— Deus deve estar reservando algo melhor para mim.

Proféticas palavras. Seu arremate da meia-lua, matando no peito e fuzilando no ângulo antes da queda da bola, decretou o placar final. Ao entrar no vestiário, trocou um emocionado abraço com o ponta-direita Tarciso. Que explicava:

— O Baltazar foi malhado porque não vinha em boa fase. Mas mostrou, hoje, que é um grande centroavante.

Grande como a torcida que compareceu bravamente ao Morumbi. Eram 3 mil vozes ecoando mais que os 90 mil são-paulinos calados. Por quê?

— Sentimos as decisões consecutivas. Os jogadores deram tudo nos jogos anteriores, explicava o desolado técnico Carlos Alberto Silva.

O Grêmio, que sentiu tudo isso e muito mais, é um grande campeão. Especialmente porque teve alma na decisão.

"MAIS DO QUE A CONQUISTA, OS HERÓIS DO GRÊMIO LAVARAM A ALMA. A IMPRENSA E BOA PARTE DO PÚBLICO OS CONSIDERARAM TIME DE SEGUNDA CLASSE"

3/5/81 MORUMBI (SÃO PAULO)
SÃO PAULO 0 X 1 GRÊMIO
J: José Roberto Wright (RJ); **R:** Cr$ 33 819 400; **P:** 95 106; **G:** Baltazar 20 do 2.º; **CA:** Éverton, Dario Pereyra, China e Paulo César; **E:** Serginho 43 do 2º
SÃO PAULO: Waldir Peres, Getúlio, Oscar, Darío Pereyra e Marinho, Élvio, Renato e Éverton (Assis); Paulo César, Serginho e Zé Sérgio. **T:** João Leal Neto
GRÊMIO: Leão, Paulo Roberto, Newmar, De León e Casemiro, China, Paulo Isidoro e Vílson Tadei (Jurandir); Tarciso, Baltazar e Odair (Renato Sá).
T: Ênio Andrade

MANOEL MOTTA

Baltazer e o gol do título: vingança divina

O BRASIL PAROU NUMA NOITE FRIA de inverno para ver o Grêmio se tornar o quarto clube brasileiro campeão do continente, numa decisão sofrida contra os vizinhos uruguaios

GREMISTAS MACHOS, GRANDES CAMPEÕES

No gramado do Olímpico, terminado o jogo, misturavam-se sangue, suor e lágrimas, sinais do que fora aquela conquista heróica do tricolor. Depois, a festa – e agora todos só pensam em Tóquio

» POR DIVINO FONSECA

Com o rosto sangrando, os pés enterrados no gramado barrento, De León ergueu a bela Taça Libertadores da América e recusou um pedido para que sorisse – enquanto o Olímpico, vazio apenas num canto até há pouco ocupado por 4 mil torcedores do Peñarol, chegava ao delírio.

Próximo dali, no meio de outro bolo, Tita, com o supercílio aberto, sujava de sangue a lapela do paletó do presidente Fábio Koff num abraço apertado e depois se agarrava a César, autor do gol da vitória, e gritava-lhe, chorando: "Português, Português, você é demais!"

É assim, com sangue, suor e lágrimas, que se ganham os grandes títulos. Titulares e reservas corriam e saltavam por todas as partes do campo, amalucados, enquanto a torcida entoava seu novo canto: "Grêeeemio, Grêeeemio, nós somos campeões da América!" Sim, aqueles 2 x 1 sobre o Peñarol, na noite da quinta-feira passada, tinham dado ao Grêmio o inédito – e saborosíssimo, pois conquistado na cidade do Internacional – título de campeão da Libertadores.

Pensou-se que o gol de Caio, logo aos 10 minutos, era o início de uma festa. Mas o Peñarol fez valer a sua raça, dominou e furou o heróico bloqueio tricolor aos 25 do segundo tempo – uma cabeçada mortal de Morena. Só que o sangue de De León e Tita não tinha sido derramado em vão: a obstinação dos jogadores, e talvez até os fluidos dos corações de 70 mil gremistas empurrando o time para o gol de César.

"Ganhei a Libertadores com o Nacional em 1980, mas agora tenho a maior alegria da minha vida", abria-se De León, que em honra dela acabaria cortando a barba de três anos e meio. "Maior porque ganha em cima de um campeão do mundo, o Peñarol, que aliás sempre foi meu freguês". Pouco depois, o sempre calmo De León enfurecia-se: "Tirem esse cara daqui", gritava nos vestiários apontando Camelinho, um histórico torcedor que anda unido a dirigentes da oposição.

Tão alegres, tão soltos estavam todos, que Fábio Koff, um circunspecto juiz de direito, soltou gargalhadas quando Renato lhe atirou água por todo o corpo e enfiou-lhe o balde na cabeça. Em outro canto, Osvaldo vibrava sozinho, e nem tanto pelo bicho de 5 milhões, explicava ele: "Amigo, sabe quais eram os títulos que eu tinha até hoje? Três vices com a Ponte Preta." Perto dele, um repórter mais exigente apontava-o como o único jogador do Grêmio que tentara praticar bom futebol, bem como nos tempos da Ponte, e que os outros só mostraram raça. Mas calou-se quando outro argumentou: "E você acha que com futebol bonitinho o time teria ganho a Libertadores?"

Passado a euforia, Tita antevia o futuro. E apostava que o Mundial não será mais difícil do que qualquer jogo da Libertadores: "O Grêmio pode ganhar só na preparação. É só fazer como o Flamengo fez em 1981. Ir para o Japão cinco dias antes para se adaptar ao fuso. E, você sabe, time europeu não é dado a isso."

Trata-se do novo sonho gremista, que a torcida começou a embalar já naquela madrugada, quando bebeu, cantou e dançou pelas ruas até o sol raiar. Como dizia um deles, cambaleando pela Avenida Érico Veríssimo: "Os colorados não vão ter do que se queixar. Afinal, o Inter vai ficar conhecido como o outro time da cidade do campeão do mundo."

"OS COLORADOS NÃO VÃO TER DO QUE SE QUEIXAR. AFINAL, O INTER VAI FICAR CONHECIDO COMO O OUTRO TIME DA CIDADE DO CAMPEÃO DO MUNDO"

28/7/83 OLÍMPICO (PORTO ALEGRE)

GRÊMIO 2 X 1 PEÑAROL

J: Edison Pérez (Peru); **R:** Cr$ 110 551 500; **P:** 73 093; **G:** Caio 10 do 1º; Morena 25 e César 31 do 2º; **CA:** Paulo Roberto, Tita, Renato, Oliveira, Saralégui e Morena; **E:** Renato e Ramos 42 do 2º

GRÊMIO: Mazarópi, Paulo Roberto, Baidek, De León e Casemiro; China, Osvaldo e Tita; Renato, Caio (César) e Tarciso.
T: Valdyr Espinosa

PEÑAROL: Fernández, Montelongo, Oliveira, Gutiérrez e Diogo; Bossio, Saralegui e Zalazar; Silva (Peirano), Fernando Morena e Venancio Ramos.
T: Hugo Bagnulo

De León, o sangue e a taça: poderia haver uma foto mais simbólica do que esta?

O GRÊMIO FEZ UMA PREPARAÇÃO séria como nunca para a viagem a Tóquio. Praticamente abandonou o estadual e reforçou o time. Valeu a pena: foi campeão na maior partida da vida de Renato Portaluppi

O MUNDO É DO GRÊMIO

Inspirado pela garra e genialidade de Renato, o Grêmio arrancou uma maravilhosa vitória de 2 x 1 sobre o Hamburgo, da Alemanha, e conquistou seu lugar na galeria dos campeões mundiais de clubes

POR DIVINO FONSECA

Multidões iam embora, cansadas. Mas outras chegavam — num movimento de ondas sucessivas — e não deixavam o samba cair. Quem não agüentava mais, e nem queria abandonar a festa, tratava de se enrolar ali mesmo na bandeira tricolor e só foi acordar quando o sol já estava alto.

Assim foi o carnaval da torcida do Grêmio, que se irradiou do cruzamento da avenida Érico Veríssimo com a Ipiranga — onde o povo assistiu aos 2 x 1 sobre o Hamburgo em telões ao ar livre — para todas as ruas de Porto Alegre. Naquela altura ainda se ouvia no Morro Santa Teresa os últimos acordes da torcida Garra Tricolor.

Sem dúvida, tão cedo o Rio Grande do Sul não terá uma madrugada barulhenta como a de domingo último. Mas também é certo que jamais o Grêmio havia sido campeão do mundo antes.

Toda a loucura do lado de cá do mundo correspondia ao que havia acontecido no lado de lá, no Estádio Nacional de Tóquio — a imagem luminosa do camisa 7 Renato, com sua maluquice genial, extasiava simultaneamente os lados opostos do planeta. Ele fez tudo que um jogador pode fazer dentro dos 90 minutos: atacou, defendeu, driblou, vibrou e... marcou os dois gols da vitória. Sua atuação confirmou uma profecia feita por Willy Schultz — ex-zagueiro do Hamburgo e marcador de Pelé nos anos 60 — na semana passada. "Muito cuidado", advertia. "Toda equipe brasileira é traiçoeira. De repente alguém inventa uma jogada que ninguém previa."

A metódica, repetitiva — e eficiente — equipe do Hamburgo poderia ter protagonizado outro resultado, se o Grêmio não tivesse Renato. É verdade que apresentava também o bom Mário Sérgio, cadenciando e lançando desde o meio; e o jovem Baidek, dono e senhor da área; ou o heróico China, correndo com o tornozelo dolorido. Mas trazia, principalmente, o Renato Portaluppi, 21 anos, que personificou os medos de Schultz com sua deliciosa loucura. Que outro jogador driblaria três vezes o atônito Schroeder e ainda chutaria para as redes praticamente sem ângulo? Era o mesmo que vive sendo multado e que, na semana passada, havia machucado o tornozelo do companheiro China ao atirá-lo numa piscina quase vazia.

Na verdade, este gol — aos 37 do primeiro tempo — seria suficiente para desmontar o burocrático Hamburgo. No entanto, a persistência alemã aliada ao recuo do Grêmio proporcionaram o empate através do mesmo Schroeder a apenas 5 minutos do final da partida. Um clima de tragédia pairou no ar durante os instantes que antecederam a prorrogação de meia hora. Mas logo aos 3 minutos o maluco deu o corte num alemão e completou com o pé esquerdo quando o goleiro Stein esperava uma bomba de direita. Não foi por acaso que ficou com o carro Toyota zero quilômetro — destinado ao melhor jogador em campo.

O título mundial mostrou que o Grêmio — apesar da saraivada de críticas — estava no caminho certo quando concentrou forças no jogo de Tóquio em prejuízo, inclusive, do Campeonato Gaúcho. A conquista revelou — rebatendo ácidas críticas que se prolongaram por toda a temporada — que quatro meses de preparação física e emocional não são, afinal, excessivos. Somente quem tenha morado no Rio Grande nos últimos meses pode avaliar o que Tóquio representava para o Grêmio.

"RENATO O MESMO QUE VIVE SENDO MULTADO E QUE, NA SEMANA PASSADA, HAVIA MACHUCADO O TORNOZELO DO COMPANHEIRO CHINA AO ATIRÁ-LO NUMA PISCINA QUASE VAZIA"

11/12/83 NACIONAL (TÓQUIO)
GRÊMIO 2 X 1 HAMBURGO
J: Michel Vautrot (França); **P:** 62 000;
G: Renato 38 do 1º; Schroeder 41 do 2º; Renato 3 do 1º tempo da prorrogação
GRÊMIO: Mazarópi; Paulo Roberto, Baidek, De León e Paulo César Magalhães; China, Osvaldo (Bonamigo) e Mário Sérgio; Renato, Tarciso e Paulo César Caju (Caio).
T: Valdyr Espinosa
HAMBURGO: Stein; Wehmeyer, Hieronymus, Jakobs e Schroeder; Hartwig, Groh e Magath; Wuttke, Hansen e Rolff.
T: Ernst Happel

Renato entortou o pobre Schroeder e marcou o primeiro gremista. De León e Tarciso ficaram com as taças

O GRÊMIO DE RUBENS MINELLI não deu chance ao Inter, conquistando os dois turnos e apresentando uma revelação, o garoto Valdo

DÁ-LHE, GRÊMIO

Os gremistas, que já foram campeões da América e do mundo, repetiram seu canto de guerra para festejar o fim do reinado estadual do Inter

Vai longe o tempo em que um título de campeão estadual era o mais importante dos dois grandes times gaúchos. Mas é impossível comparar alegrias. Se não, como explicar os abraços, beijos, cambalhotas, camisas para a torcida e o choro de gente como Mazarópi, Baidek, Casemiro, China, Osvaldo, Bonamigo, Renato? Todos eles foram campeões da América e do mundo em 1983. Apesar disso, eram dos personagens mais emocionados de domingo, no Olímpico, quando seu time — diante de 40 mil pessoas — deu um banho tático e técnico no Internacional. Ganhou por 2 x 1 e conquistou um título que não via desde 1980.

"Foi uma alegria comparável à que senti no Japão, dois anos atrás", confessava o zagueiro Baidek, um dos heróis do jogo, ainda tomado por sentimentos mais de meia hora depois. O ponta-direita Renato, que dessa vez jogou mais para a equipe do que para si. Depois, explicava: "Foi uma alegria para a nossa torcida, que há muito nos cobrava esse título. E uma alegria enorme para nós, que fizemos disso uma questão de honra." Para os veteranos de outras campanhas, de certa forma tinha sido uma espécie de roteiro inverso para saldar um compromisso que tinha ficado para trás. "Era chatíssimo ouvir colorados dizerem que tínhamos sido campeões do mundo porque não topamos com o Inter, e que aqui no pedaço quem manda é eles. Acabou", desabafava Osvaldo.

No calor insuportável do vestiário, jogadores, cartolas e torcedores, todos molhados de suor, festejavam o fim da hegemonia regional do Inter, cantando: "Dá-lhe, dá-lhe, Grêmio..." Começava uma nova história na sempre animada guerra local.

"Quando vê o vermelhinho se aproximar, o Grêmio começa a tremer", dizia o técnico colorado Daltro Meneses ao longo do segundo turno. Encerrado o campeonato sem necessidade de superdecisão — o Grêmio faturou os dois turnos —, o técnico tricolor Rubens Minelli apenas mostrava os números da competição. Por eles, seu time exibia o melhor ataque (56 gols), a melhor defesa (17 gols), o maior número de vitórias e o artilheiro (o centroavante Caio Júnior, empatado com Tita, do Inter, com 12 gols). Dono de quatro títulos nacionais, Minelli explicava por que o recém-conquistado tinha um sabor especial: "O brasileiro é um povo sem memória. Para mim, o título do momento é sempre importantíssimo para refrescar as mentes." Dizia, jogando seu feito para o alto. A certa altura do campeonato, irritado com as fanfarronices de Daltro, Minelli explodiu: "O único que ganhou alguma coisa no grito foi dom Pedro I." Domingo, ele saboreou em silêncio a vitória sobre o gordo rival.

"O segredo é impedir que o Inter saia jogando com Mauro Galvão e Rubén Paz", repetia o ponta-esquerda Valdo no vestiário, resumindo as instruções de Minelli. "À medida que nós íamos vencendo os duelos mais importantes", acrescentava Valdo, "eu sentia que a vitória não nos poderia fugir".

De fato, China abafava o talento de Rubén Paz, Bonamigo se empunha a Tita, Caio escapava do controle de Galvão e, sobretudo, o próprio Valdo flanava pelo meio em movimentos ágeis e elegantes — surpreendentemente livre, pois Daltro orientara Luís Carlos para guardar a lateral direita. O Grêmio conquistou o meio-campo com esse estratagema óbvio, porém eficaz. Os efeitos — os gols — viriam de uma forma simples e bela.

"A CERTA ALTURA DO CAMPEONATO, IRRITADO COM AS FANFARRONICES DE DALTRO, MINELLI EXPLODIU: 'O ÚNICO QUE GANHOU ALGUMA COISA NO GRITO FOI DOM PEDRO I'"

8/12/85 OLÍMPICO (PORTO ALEGRE)
GRÊMIO 2 X 1 INTERNACIONAL
J: Carlos Sérgio Rosa Martins;
G: Bonamigo, Caio Júnior e Tita
GRÊMIO: Mazarópi, Raul, Baidek (Rogério), Luís Eduardo e Casemiro; China, Osvaldo e Bonamigo; Renato, Caio Júnior (Sabella) e Valdo. **T:** Rubens Minelli
INTERNACIONAL: Taffarel, Luís Carlos Winck, Aloísio, Mauro Galvão e Pinga; Ademir (Paulo Santos), Aírton e Rubém Paz; Tita, Kita e Silvinho. **T:** Daltro Meneses

Osvaldo (de costas), Renato, Bonamigo, Casemiro: quando um Gauchão vale tanto quanto o mundo

RENATO FOI O GRANDE herói da conquista de mais um estadual. Esquecido por Telê Santana na Seleção, ele dava sua resposta na ponta direita

O BI DE UM TRIO

Renato, Osvaldo e o técnico Espinosa foram os magníficos heróis de um Grêmio bicampeão, que pintou o Rio Grande do Sul de preto, branco e azul

» POR MARCOS BARRERO E JONES LOPES DA SILVA

Renato vestiu uma camisa listrada e saiu. Tomou o caminho dos fundos do estádio Olímpico duas horas depois da conquista do título. Seu último drible — ironia — estava reservado para a torcida, que o esperava pouco mais à frente, aglomerada na porta dos vestiários. Ninguém percebeu quando o Monza preto de Osvaldo deslizou lentamente na direção dos portões sociais, ultrapassou três majestosos pórticos e ganhou a noite fria e escura de Porto Alegre.

A torcida gremista, que ficara a pé como em seu hino, não percebeu sequer a fuga dos dois grandes heróis do bicampeonato gaúcho. Algo, por certo, perdoável. Estava satisfeita com as arrancadas de Renato, o Louco, como era chamado, e o gol de Osvaldo, o único na vitória do Grêmio sobre o Internacional no encerramento do quadrangular decisivo do Campeonato Gaúcho, domingo passado.

Enquanto o carro levava os dois craques para uma festa num apartamento da rua Pinto Bandeira, no centro da capital gaúcha, os vestiários do Grêmio ficavam vazios com o troféu — uma enorme e pesada escultura lembrando um homem com uma bola — repousado sobre a mesa. A seus pés, uma garrafa de champanhe Georges Aubert, vazia, e na parede um quadro-negro com a inscrição "O eu divide, o nós multiplica". Debaixo dos bancos espalhavam-se garrafas, papéis e até um perdido par de chinelos, identificados como sendo do técnico Valdyr Espinosa.

"Vou tirar 20 dias de atraso", prometia Renato. Sentado no banco de trás, decretava o fim de sua abstinência alcoólica: "Quero loirinhas geladas." E Osvaldo, pé no acelerador, concordava: "Estou com sede." Nada mais natural, enfim, para quem entrara em campo com tanta disposição. A sede de vitória eles já tinham eliminado. Osvaldo, artilheiro do Grêmio e vice do campeonato, com 13 gols, permanecera no banco ao longo do primeiro tempo. E, ao substituir Caio Júnior no segundo, precisou apenas de nove minutos para marcar e se transformar no herói da tarde. "Senti que ia dar certo", recordava mais tarde, refestelado no apartamento do amigo Moysés Carvalho, um representante comercial e gremista fanático. "Explorei o lado direito da defesa do Inter, onde havia espaço."

Tudo começou com Renato. Ele arrancou da direita para o meio, driblou três zagueiros e chutou no contrapé de Taffarel. A bola, no entanto, traiu o craque e bateu na trave. Na volta, Bonamigo lançou para Luís Carlos. E, no cruzamento feito da direita, Osvaldo entrou chutando. "Toquei firme com a parte de dentro do pé", contava ele.

O ponta-direita, por sinal, ainda não se esqueceu de Telê. Nas comemorações nos vestiários, esperou que os microfones das emissoras de televisão e rádio se aproximassem dele. O discurso estava pronto. "O triunfo foi a prova de que time com ponta é campeão", afirmava. "Aquele treinador atrasou o futebol brasileiro em mais de uma década e não ganhou nada. Sou profissional há quatro anos e tenho igual número de títulos."

A bordo de seu Escort XR-3 conversível vermelho, Renato festejou o título estadual percorrendo alguns lugares da noite de Porto Alegre. Ao deixar o apartamento do amigo Moysés e levar para casa Maristela, a noiva e ex-amiga de infância em Bento Gonçalves, entregou-se às delícias da mesa no bem-localizado e freqüentado restaurante Barranco: "Sua carne de ovelha é impecável", sugere o craque.

"RENATO ARRANCOU DA DIREITA PARA O MEIO, DRIBLOU TRÊS ZAGUEIROS E CHUTOU NO CONTRAPÉ DE TAFFAREL. A BOLA, NO ENTANTO, TRAIU O CRAQUE E BATEU NA TRAVE"

20/7/86 OLÍMPICO (PORTO ALEGRE)
GRÊMIO 1 X 0 INTERNACIONAL
J: Carlos Sérgio Rosa Martins;
G: Osvaldo 9 do 2º
GRÊMIO: Mazarópi, Raul, Baidek, Luís Eduardo e Casemiro; Bonamigo, China e Luís Carlos; Renato Gaúcho, Caio Júnior (Osvaldo) e Valdo. **T:** Valdyr Espinosa
INTERNACIONAL: Taffarel, Luís Carlos Winck, Aloísio, Pinga e Mauro Galvão; Marquinhos, Aírton e Rubén Paz; Robertinho, Marcelo e Balalo (Tita).
T: Otacílio Gonçalves

Bonamigo comemora: o bi
de um grande time

UM GRANDE TÍTULO, conquistado por um grande time. Com Luiz Felipe Scolari no banco e Valdo no campo, mais uma vez deu Grêmio na decisão no Olímpico

PARA GUARDAR NOS CORAÇÕES

Num jogo excepcional, que ficará na memória da torcida, o Grêmio ganha o tri ao vencer um duelo de gigantes

» POR DIVINO FONSECA

"O jogo mais emocionante de que já participei na vida", resumia Valdo. A alguns metros dali, na parte dos vestiários reservada aos dirigentes, eles estouravam champanhe e, como pilotos de Fórmula 1. China, o capitão do Grêmio, apressava-se. Um pouco depois, ele iria a pé até o orfanato Santo Antônio e à capela de Santa Rita de Cássia — um percurso de 15 km — pagar uma promessa.

O Grêmio festejou o tricampeonato gaúcho de forma excepcional. A final também foi excepcional. Aos 18 minutos do primeiro tempo, vencia por 3 x 0 e ameaçava o Internacional com uma goleada. Aos 18 do segundo, ficou 3 x 2 e por momentos o fantasma do empate reinou sobre o Olímpico. Mas o Grêmio tinha Bonamigo e, sobretudo, o infernal Valdo — e nos últimos dez minutos, o massacre só não se consumou por detalhe.

Em pé num banco do vestiário, sem camisa, cercado por repórteres e dezenas de torcedores, Valdo parecia um deus negro pairando sobre os mortais. Seu rosto não exibia mais nenhuma marca de emoção. Assinava autógrafos sem olhar. Apenas um leve sorriso. É o seu temperamento. Difícil acreditar que, minutos antes, como um pequeno general, ele comandara seus companheiros numa guerra infernal.

O ponta-direita Fernando ostentava um corte no supercílio direito, dramatizado pelo mercurocromo. Atirada num canto, estava a camisa 10, de Bonamigo, com enormes manchas de sangue. Caminhando lentamente para o banho, Jorge Veras mostrava a testa inchada por um cotovelaço. "Estou feliz. Também bati bastante. E nós é que ganhamos." Astengo mancava: saíra machucado, ainda no primeiro tempo, numa dividida com Balalo em que valeu tudo. Do mesmo teor foi a que envolvera Fernando e Pinga, aos 2 minutos de partida, no lance que resultou no primeiro gol. Pinga seguiu direto para o hospital com os ligamentos do joelho estourados. Lima, um herói: fez um gol a 2 e outro aos 17, liquidando tudo logo de cara.

Onde o Grêmio ganhou esse título? Antes de tudo, no talento, na inteligência e no fôlego de Valdo, um jogador muito superior a qualquer outro em atividade no Rio Grande do Sul. O Grêmio ganhou também na vergonha. Seu técnico Luiz Felipe contava que, mesmo sem trocar qualquer palavra com os jogadores, um dia depois do surpreendente empate em casa com o Caxias sentiu que eles haviam jurado a si próprios ficar com o título.

O tricolor ganhou pela disposição de Luiz Felipe de tornar sua equipe mais ofensiva. Nesses dois últimos jogos puxou Valdo para a meia direita, no lugar de Cristóvão, e escalou Fernando. Ficou um meio-campo menos compacto só na teoria, pois Valdo se multiplicou em funções.

A história do tri tem ainda razões amplas. Neste ano, a loucura do regulamento obrigou a realização de nove Grenais. Pois o tricolor só perdeu um clássico — ganhou quatro e empatou quatro. Como nos dois títulos anteriores, foi a vitória da qualidade, com raça, contra apenas a raça do Inter. "A garra deles valorizou o nosso triunfo", afirmava Luiz Felipe. De fato, ficou a impressão de que aquele vestiário só seria mais festivo se o Grêmio tivesse feito seus três gols depois de tomar os dois. Aí, talvez até Valdo prolongasse os festejos.

"NESTE ANO, A LOUCURA DO REGULAMENTO OBRIGOU A REALIZAÇÃO DE NOVE GRENAIS. POIS O TRICOLOR SÓ PERDEU UM CLÁSSICO — GANHOU QUATRO E EMPATOU QUATRO"

19/7/87 OLÍMPICO (PORTO ALEGRE)

GRÊMIO 3 X 2 INTERNACIONAL

J: Carlos Sérgio Rosa Martins; **R:** Cz$ 2 966 350; **P:** 47 224; **G:** Lima 2 e 17, Jorge Veras 18, Luiz Carlos Winck (pênalti) 21 do 1º; Paulinho 18 do 2º; **CA:** Mazarópi e Norberto; **E:** Lima e Laércio 39 do 1º

GRÊMIO: Mazarópi, Alfinete, Astengo (Henrique), Luís Eduardo e Casemiro; China, Bonamigo e Valdo; Fernando (Cristóvão), Lima e Jorge Veras. **T:** Luiz Felipe Scolari

INTERNACIONAL: Taffarel, Luís Carlos Winck, Pinga (Norton), Aloísio e Laércio; Aírton, Norberto e Luís Fernando (Marinho Rã); Paulinho, Amarildo e Balalo.
T: Ênio Andrade

O capitão China e a estranha taça de 87: o primeiro Gauchão do técnico Luiz Felipe Scolari

O GRÊMIO JÁ ERA CAMPEÃO brasileiro, sul-americano, mundial. Desde os anos 60, porém, não conseguia uma seqüência de títulos gaúchos que humilhasse o rival. O tetra serviu para preencher essa lacuna

O TETRA TEM TRÊS CORES

O branco, o azul e preto do Grêmio tinge as faixas do título no Rio Grande do Sul pela quarta vez seguida – com toda justiça e alegria

>> POR ÁLVARO ALMEIDA

No início desta década, o Grêmio colocou como prioridade a conquista da Taça Libertadores da América e do Mundial Interclubes. Com estas duas façanhas, em 1983, conseguiu ofuscar o brilho dos quatro títulos regionais obtidos pelo arquiinimigo Internacional de 1981 a 1984. Domingo, em Caxias do Sul — 131 km de Porto Alegre e a 817 m de altitude —, os gremistas trituraram de vez com este que era o único orgulho recente dos torcedores adversários: também é tetracampeão nos anos 80.

Para maior agonia dos colorados, o título não foi definido num Grenal, como de costume, e, sim, num econômico empate sem gols com o Caxias. Se esta final não teve a emoção das anteriores, o fato é que o time do Olímpico colhia os dividendos de sua exuberante campanha durante toda a competição. Afinal, ganhou os dois turnos classificatórios e entrou no hexagonal decisivo com dois pontos de bonificação. Uma vantagem que soube conduzir até a derradeira partida e determinou a medida certa que o separou do rival.

Desta vez o Grêmio-Show não esteve dentro de campo, mas nas arquibancadas. O Estádio Centenário, do Caxias, foi invadido pela torcida tricolor. Desde o início da manhã, uma festiva romaria de 152 ônibus tomou conta da estrada que faz ligação com a capital gaúcha. Ao entrar no gramado, os donos da casa tiveram de ouvir uma vaia digna de um Estádio Olímpico.

Assim à vontade, os jogadores do Grêmio trataram de correr atrás da bola de olho no regulamento: precisavam somente de um ponto para sacramentar o título. E conseguiram. Pela primeira vez, o time colocou de lado a idéia fixa de atacar, que o conduzira até ali e fez somente o necessário para garantir a conquista. "Esta partida mostrou a verdade do Gauchão", afirmava o treinador Otacílio Gonçalves. "Não existe jogo fácil no interior". Especialmente quando o adversário tem uma motivação a mais para correr: o prêmio extra de 3 milhões de cruzados oferecidos pelo Inter.

"Nem com gratificação eles seguram o Grêmio", exultava o presidente de futebol do clube, Raul Régis de Freitas Lima. Momentos antes, ele e os jogadores haviam sido carregados pela torcida, que invadiu o gramado, derrubou as traves e rasgou as redes para comemorar o.

"Foi a vitória da harmonia", definia Otacílio. "O equilíbrio entre o espetáculo e a competição." Essa é, em essência, a filosofia atual do Grêmio-Show. Uma equipe que conseguiu conciliar o futebol de suas três estrelas neste campeonato: o meio-campo Cristóvão e os atacantes Valdo e Lima.

Cristóvão só não recebeu a coroa de craque da competição porque o centroavante Lima esteve mágico. Isso mesmo. E a ponto de passar a antecipar seus gols em sonho. Contra o Caxias — a exemplo do que acontecera contra o Pelotas e no último Grenal — previu que iria marcar. Desta vez, contudo, seus passos de vidente falharam. "Diante dessa conquista, o gol nem era necessário", procurou desconversar. Mas não será esta promessa não cumprida que manchará a campanha do artilheiro do campeonato. Afinal, os 17 que marcou neste ano foram decisivos para a equipe.

Já Valdo representou o terceiro vértice da tríade de astros gremistas. Vendido ao Benfica desde o início de março, disputou o campeonato sob forte carga emocional. Domingo, vestiu a pela última vez a camisa tricolor e não resistiu à homenagem dos companheiros antes de entrar em campo. Chorou. "Este título tem um sabor especial para mim por ter sido o derradeiro", dizia.

"'NÃO EXISTE JOGO FÁCIL NO INTERIOR', AFIRMAVA O TREINADOR OTACÍLIO GONÇALVES. ESPECIALMENTE QUANDO O ADVERSÁRIO TEM UMA MOTIVAÇÃO A MAIS: 3 MILHÕES DE CRUZADOS OFERECIDOS PELO INTER"

26/6/88 CENTENÁRIO (CAXIAS DO SUL)

CAXIAS 0 X 0 GRÊMIO

J: Carlos Sérgio Rosa Martins; **R:** Cz$ 6 871 050; **P:** 18 370; **CA:** Caçapava e Valdo

CAXIAS: Chico, Paulinho, Sérgio Odilon, Jairo e Ricardo; Caçapava, Leco e Mazzari, Zico (Gérson Lopes), Sanabria e Marquinhos.

T: Homero Cavalheiro

GRÊMIO: Mazarópi, Alfinete, Henrique, Luís Eduardo e Aírton; Bonamigo, Cuca e Cristóvão; Valdo, Lima e Zé Roberto (Darci).

T: Otacílio Gonçalves

Acima, Cuca vai nos braços da torcida em Caxias. Alfinete, Valdo, Lima e Assis comemoram no Olímpico

O GRÊMIO COMEÇOU MUITO MAL o estadual de 1989. Recuperou-se quando trocou de técnico, afastou oito jogadores e apostou numa jovem promessa de 18 anos, um certo Assis

O PENTA DA IRONIA

Enquanto o Inter se debaterá com a necessidade de tornar vencedor um time que andou próximo de muitas glórias e não alcançou nenhuma, o Grêmio saboreia o título gaúcho como alguém que deu a volta por cima quando tudo parecia perdido

O penta gaúcho ganho pelo Grêmio reservou uma boa dose de ironia na sua partida final. Os pênaltis, que sempre foram um trauma do time, viraram a sina do Internacional. Assim que Cuca fez a sua última cobrança e definiu em 4 x 3 as penalidades, após o 0 x 0 no tempo normal, os torcedores gremistas explodiram num grito só: "Olimpia, Olimpia!" Lembraram-se do time paraguaio que recentemente, e na cobrança de pênaltis eliminou os colorados da Taça Libertadores da América.

Na festa que tomou conta do Olímpico, ninguém era mais assediado que o goleiro Mazarópi. Não só pelos dois pênaltis que defendeu nesta decisão. Ele e o zagueiro Luís Eduardo são os dois únicos jogadores que permaneceram na equipe ao longo da série de títulos. Além disso, o goleiro tem um retrospecto brilhante quando o assunto é pênalti decisivo. Disposto a virar uma lenda no Olímpico, Mazarópi tem um hábito que o identifica com os torcedores. Antes dos jogos, corre em direção às arquibancadas pedindo vibração. "Faço isso desde os tempos do Vasco", recorda, sem nenhuma menção de, aos 35 anos, abandonar a carreira. "Ainda quero ganhar muitos títulos por aqui", garante ele, que, além das cinco faixas estaduais, já vestiu uma de campeão sul-americano e outra mundial em 1983.

Se Mazarópi foi o herói da decisão, não podem ser esquecidos os jogadores que chegaram ao clube nos momentos dramáticos da fase classificatória. É o caso de Edinho, contratado na semana em que o time foi a Vacaria jogar, contra o Glória, sua sorte na competição. Um empate seria suficiente para deixar o Grêmio entre os oito que disputariam o torneio da morte – que definiria os dois rebaixados – e teria uma força capaz de fazer explodir o Olímpico. O veterano zagueiro, de 34 anos, chegou e fez o gol da vitória em Vacaria.

Na mesma ocasião estreavam Jandir e Hélcio. O volante não pôde participar da batalha final por causa de uma contusão. Mas fez a torcida esquecer Bonamigo, sobretudo quando marcou o gol de empate no Grenal dos 3 x 1, no primeiro clássico do octogonal. Já o lateral supriu com segurança e eficiência uma posição em que a irregularidade de Aírton deixava os gremistas desesperados.

Para esse renascimento do time chegaram ainda o centroavante Kita, que virou artilheiro do campeonato com oito gols, e o ponta-esquerda Paulo Egídio, que voltou a ter a velocidade e a habilidade dos tempos de júnior. Até o banco de reservas mereceu atenção especial e para ele foram contratados o volante Lino e o meia Adílson Heleno. Nessa renovação foram dispensados oito jogadores: Marcus Vinícius, Zé Roberto, Jorginho, Aírton, Amaral, Astengo, Bonamigo e Lúcio. Até a comissão técnica foi toda substituída e, no lugar do técnico Rubens Minelli, entrou Cláudio Duarte. Uma das medidas que ele adotou foi a efetivação do jovem Assis, de 18 anos. Com a segurança de titular, Assis pôde exibir seu futebol de dribles insinuantes, lançamentos precisos, fundamentais na reta final.

Essa mudança total teve ainda o mérito de levar para longe a síndrome dos pênaltis, que os antigos jogadores carregavam. O próprio Cuca, que sentiu o peso do fardo, pôde se livrar dele. "Quando perdi dois pênaltis durante o campeonato fui vaiado pela torcida e, por isso, pedi para bater o último na decisão. Sabia que faria o gol do título", desabafou.

"DISPOSTO A VIRAR UMA LENDA NO OLÍMPICO, MAZARÓPI TEM UM HÁBITO QUE O IDENTIFICA COM OS TORCEDORES. ANTES DOS JOGOS, CORRE EM DIREÇÃO ÀS ARQUIBANCADAS PEDINDO VIBRAÇÃO E, SOBRETUDO, DEMONSTRANDO ENTUSIASMO"

18/6/89 OLÍMPICO (PORTO ALEGRE)
GRÊMIO 0 X 0 INTERNACIONAL

J: Carlos Sérgio Rosa Martins; **R:** NCz$ 141 058,50; **P:** 48 103; **CA:** Hélcio, Fábio, Lino, Paulo Egídio e Edu; **Nos pênaltis:** Grêmio 4 x 3 Internacional

GRÊMIO: Mazarópi, Alfinete, Edinho, Luís Eduardo e Hélcio (Fábio); Lino, Cuca e Assis; Adílson Heleno (Almir), Kita e Paulo Egídio. **T:** Cláudio Duarte

INTERNACIONAL: Ademir Maria, Casemiro, Aguirregaray, Norton e Lula (Dacroce); Norberto, Leomir e Luís Carlos Martins; Claudinho, Diego Aguirre (Marcelo) e Edu. **T:** Abel Braga

NICO ESTEVES

O capitão Edinho escoltado pelo craque Assis e a taça do penta: vitória nos pênaltis

OS GREMISTAS SUARAM para arrancar um 2 x 2 no primeiro jogo da semifinal, no Maracanã. No segundo jogo, porém, lavaram a alma: uma goleada que entrou para a história

COM A ALMA LAVADA

Na tarde de sábado, embalada pelos 6 x 1, a torcida tricolor festejava antecipadamente a volta à Taça Libertadores da América, um prêmio para o campeão da Copa do Brasil

Até que parecia um jogo normal quando o juiz Ulisses Tavares da Silva Filho apitou o final do primeiro tempo entre Grêmio e Flamengo, no Olímpico, no sábado passado. Os gaúchos jogavam melhor e venciam por 1 x 0, gol de Cuca, mas os cariocas, que só se classificariam com uma vitória, prometiam uma surpresa depois do intervalo.

Foi o que mais de 46 mil torcedores viram, estupefatos, no segundo tempo. Uma surpresa, sim. Mas desagradável para quem a prometera e maravilhosamente inesquecível para os gremistas. "De repente, eles começaram a fazer um gol atrás do outro", relembrava o atordoado lateral-esquerdo Leonardo. Era a definição exata para o que, numa seqüência alucinante de gols, Paulo Egídio, Almir, Cuca, novamente Paulo Egídio e Assis fizeram: eles trucidaram o adversário.

O incrível é que os gremistas podiam muito bem jogar pelo empate. No entanto, sem piedade alguma, preferiram massacrar o Flamengo. E, se perdiam uma chance, lá estavam os tricolores de volta para desespero do goleiro Cantarele. "Eles vinham a toda hora. Não desistiam nunca." Não foi à toa que o último gol saiu aos 42 minutos do segundo tempo. Renato, é verdade, ainda descontou para o Flamengo. Mas e daí? 6 x 1 estava bom demais para qualquer gremista.

Afinal, era mais uma deliciosa vingança daquele título brasileiro perdido, ali no Olímpico, em 1982. Era também a repetição, no mesmo palco, de goleadas como o 5 x 2, em 1978, pelo Brasileiro, e o 5 x 1, de 1984, pela Libertadores. "Lavadas" que, reunidas à de sábado, fizeram os torcedores entoar uma paródia do hino rubro-negro: "Uma vez Flamengo, sempre freguês...", cantavam sem dó, comemorando a classificação para as finais da Copa do Brasil.

Quem acompanha o Grêmio sabe que o time joga o que prega. Atua fechadinho e só ataca em contragolpes. E fala como joga. "Nossa bola não está tão cheia assim para tocarmos 6 x 1 no Flamengo", dizia o preparador físico Gilberto Tim.

Na verdade, a humildade não é desconfiança da própria força. É uma estratégia de jogo. "Exploramos sempre o erro do adversário e não será diferente contra o Sport", antecipava o lateral Alfinete. Mas por quê, se a equipe conta com ótimos jogadores? "Porque é mais fácil", era a singela resposta do meia Cuca.

Fácil ou não, o fato é que este primeiro jogo da final promete ser um belo duelo? o Sport ainda não perdeu na Ilha do Retiro e o Grêmio venceu três de suas quatro partidas fora. Mesmo o empate com o Flamengo, na quarta passada, no Maracanã, pode ser contabilizado na coluna das vitórias — graças ao excepcional preparo físico dos jogadores, que empurrou o time para o empate, depois de estar perdendo por 2 x 0.

A essas duas virtudes — o preparo físico e o esquema de contra-ataques, chamado de "pega-ratão" — soma-se uma terceira, fundamental se as coisas ficarem pretas no Recife: a experiência dos jogadores. A começar pelo goleiro Mazarópi, ex-Vasco. Na zaga, Edinho, com a segurança de quem participou de três Copas do Mundo, e Luís Eduardo, titular há cinco anos, se impõem pela técnica apurada. Sem falar de Jandir, Alfinete, Lino e Cuca. "Foi por causa dessa turma, tudo cobra criadas, que pude lançar o garoto Assis, de apenas 18 anos", explica Cláudio Duarte. E o atacante, dono de uma preciosa perna esquerda, transformou-se numa das estrelas do time, como, aliás, o Flamengo pôde sentir na carne.

"ERA A REPETIÇÃO, NO MESMO PALCO, DE GOLEADAS COMO O 5 X 2, EM 1978, PELO CAMPEONATO BRASILEIRO, E O 5 X 1, DE 1984, PELA LIBERTADORES"

19/8/89 OLÍMPICO (PORTO ALEGRE)

GRÊMIO 6 X 1 FLAMENGO

J: Ulisses Tavares da Silva Filho (SP); **R:** NCz$ 470 102; **P:** 46 137; **G:** Cuca 23 do 1º; Paulo Egídio 4, 31, Almir 5, Cuca 28, Renato 35, Assis 42 do 2º; **CA:** Mazarópi e Jandir

GRÊMIO: Mazarópi, Alfinete, Luís Eduardo, Vílson e Hélcio; Jandir (André), Lino e Cuca; Assis, Kita (Almir) e Paulo Egídio.

T: Cláudio Duarte

FLAMENGO: Cantarele, Leandro Silva, Júnior Baiano, Fernando e Leonardo; Aílton, Júnior e Marquinhos (Renato); Sérgio Araújo, Nando e Zinho. **T:** Telê Santana

NICO ESTEVES

Cuca tira os espaços do Flamengo de Marquinhos: dois gols no show tricolor

A CBF CRIOU UMA NOVA COMPETIÇÃO em 1989, para faturar alguns trocados. Inicialmente com 32 clubes, ela cresceu aos poucos para se tornar quase tão importante quanto o Brasileirão. E desde a primeira edição foi dominada por um mesmo clube: o Grêmio

MANIA DE SER CAMPEÃO

O Grêmio uniu a força dos jovens à experiência dos velhos para ganhar seu segundo título em dois meses

Tão logo o juiz José de Assis Aragão apitou o encerramento da primeira Copa do Brasil, sábado à tarde, no Estádio Olímpico, o mais jovem jogador do Grêmio — Assis, de apenas 18 anos — tomou uma atitude típica de sua idade. Recusou abraços, dispensou entrevistas e saiu correndo como um louquinho, a gritar "Sou campeão! Sou campeão! Sou campeão!"

Dezesseis anos mais velho, o capitão Edinho também se comportou de forma esperada. Ao receber o troféu dourado das mãos do vice-presidente da CBF, Eurico Miranda, limitou-se a sorrir e mostrá-lo aos quase 70 mil ensandecidos torcedores. Depois, comentou: "Eu já havia decidido abandonar a bola quando recebi o convite do Grêmio, em abril. Como eu estava certo ao aceitá-lo!"

Assis e Edinho já tinham agido de forma semelhante na conquista do pentacampeonato gaúcho. Nos 2 x 1 sobre o Sport — que deram o título ao Grêmio e o colocaram na Taça Libertadores de 1990 —, confirmava-se: era essa fórmula tão antiga quanto o futebol, de juntar caudilhos calejados e jovens talentosos e entusiasmados, que havia produzido o segundo título gremista em pouco mais de dois meses. Mas foi não apenas isso.

"A festa é dos jogadores", declarou, pouco antes de se evaporar, o modesto feiticeiro às avessas que bolou essa fórmula nada mágica — o técnico Cláudio Duarte. E eles não se fizeram de rogados. Muitos esguicharam champanhe nacional sobre os torcedores que os cercavam. Outros beberam. O campeão da primeira Copa do Brasil venceu sete partidas e empatou duas, exibiu o ataque mais eficiente (25 gols) e a defesa menos vazada (apenas quatro).

Ao longo dessa irretocável campanha, o Grêmio só tomou dois sustos. Um aconteceu no primeiro jogo das semifinais, no Maracanã: chegou a estar perdendo por 2 x 0 (e Zico desperdiçou o terceiro ao chutar na trave), mas reagiu e chegou ao empate, enfiando históricos 6 x 1 no jogo de volta. O outro susto ocorreu justamente na final contra o Sport. O time gaúcho vencia por 1 x 0, gol do excelente Assis. Aos 31 minutos do primeiro tempo, porém, o goleiro Mazarópi falhou incrivelmente e socou a bola para dentro do próprio gol. Nesse momento, a multidão de 62 807 pagantes silenciou e sentiu medo do pior. O empate em um gol dava o título aos pernambucanos. Mesmo Edinho e os outros veteranos acusaram o golpe. Dali atéo final do primeiro tempo, a equipe não se achou mais.

Nos vestiários, porém, os jogadores decidiram que não haveria tragédia no Olímpico. Quieto no seu canto, Cuca tomou para si a responsabilidade. Não deu outra: aos 7 minutos, ele recebeu a bola e desferiu uma bomba que paralisou o veterano Rafael. Em seus 35 anos de existência, poucas vezes o Olímpico viu tanta explosão — a da alegria da torcida e a dos rojões enfileirados ao lado do estádio, símbolo da absoluta certeza da vitória. Era o segundo título nacional do Grêmio e o primeiro em casa — o do Campeonato Brasileiro de 1981 foi conquistado no Morumbi, em cima do São Paulo.

Naquele ano, Edinho já tinha três títulos estaduais, todos conquistados pelo Fluminense. Quanto a Assis, ainda corria de calças curtas pelos campinhos e a escolinha do clube era apenas um sonho para dali a dois anos. No final, Edinho saiu rapidamente do vestiário, mas o garoto ficou por ali, saboreando o assédio dos torcedores. "Não, essa camisa não, essa é para minha mãe", dizia a eles. Um fã, mais insistente, conseguiu as meias e saiu a exibi-las, para inveja dos outros. "São do rei Assis", festejava.

"MAZARÓPI FALHOU INCRIVELMENTE E SOCOU A BOLA PARA DENTRO DO PRÓPRIO GOL. NESSE MOMENTO, A MULTIDÃO DE 62 807 PAGANTES SILENCIOU E SENTIU MEDO DO PIOR"

2/9/89 OLÍMPICO (PORTO ALEGRE)
GRÊMIO 2 X 1 SPORT

J: José de Assis Aragão (SP); **R:** NCz$ 548 096; **P:** 62 807; **G:** Assis 9, Mazarópi (contra) 31 do 1º; Cuca 7 do 2º; **CA:** Alfinete, Assis e Aírton; **E:** Betão 45 do 2º
GRÊMIO: Mazarópi, Alfinete (Trasante), Luís Eduardo, Edinho e Hélcio; Jandir, Lino e Assis; Cuca, Nando (Almir) e Paulo Egídio. **T:** Cláudio Duarte
SPORT: Rafael, Betão, Márcio Alcântara, Aílton e Aírton; Rogério (André), Lopes (Edinho) e Joécio; Barbosa, Marcus Vinícius e Édson. **T:** Nereu Pinheiro

Paulo Egídio festeja e depois levanta a taça com Darci e Assis

O AUGE DA DOMINAÇÃO gremista veio nesse ano, com direito a goleada na decisão e praticamente só uma torcida no estádio

É DEMAIS SER GREMISTA

Repetiu-se a história dos últimos campeonatos: o Internacional vence os clássicos da fase classificatória e o Grêmio, os da decisiva

O zagueiro Luís Eduardo e o meia-direita Cuca, que se estão transferindo para o Valladolid, da Espanha, choravam — o Grenal 305 era a despedida deles. Vendidos por um total de 1,5 milhão de dólares, Luís Eduardo, 28, era titular absoluto há sete anos, e Cuca, 27, um ídolo há três. Perto dali, o meia-esquerda Assis, 19, tomava uma garrafa da mão de um torcedor e esguichava champanha para todos os lados. Este ainda tem muita alegria a dar.

As duas cenas, observadas no gramado do Olímpico quando o Grêmio festejava os 4 x 1 sobre o Internacional e o hexacampeonato gaúcho, exibiam um claro simbolismo: o Grêmio é um movimento contínuo, pois, no momento em que se desfaz de dois de seus melhores jogadores, abana para o futuro com o futebol radiante de um jovem craque. Essas cenas mais o fato de que se tratava do sexto título consecutivo permitiam uma conclusão óbvia: tinha sido a vitória de um clube — dirigentes unidos, torcida atuante e time bem armado.

Tudo isso ficava mais evidente porque o adversário se comportara como um mero time, divorciado de sua tradição clubística. Dirigido solitariamente pelo egocêntrico presidente José Asmuz, o Internacional, viveu uma das tardes mais tristes de sua história: 1. levou 4 x 1 e ficou em terceiro, atrás também do Caxias, repetindo as campanhas de 1965 e 1979; 2. apenas 2 000 colorados se arriscaram a aparecer no Olímpico; 3. no final, seu técnico, o controvertido Ernesto Guedes, deu um soco no rosto de Mazarópi, o goleiro do adversário; e 4. o volante Norberto, que seria mandado embora por indisciplina anterior, saiu de campo vestindo a camisa do Grêmio.

Alheio aos problemas do eterno rival, o tricolor festejava a valer o segundo hexa de seus 87 anos - o primeiro foi em 1967. Emocionado e enxugando as lágrimas, Luís Eduardo não conseguia articular nenhuma frase. Quando parava de soluçar, Cuca lembrava seu retrospecto no Grêmio. "São quatro campeonatos gaúchos e quatro faixas", contabilizava. Mas não eram só a despedida e o título que o faziam chorar. Alexi Stival, o Cuca, um paranaense revelado pelo Juventude, de Caxias do Sul, em 1986, ao longo de sua brilhante passagem pelo Olímpico foi perseguido por um desses acasos que se transformam em estigma: nunca havia marcado gol em Grenal.

Pois marcou em seu último clássico. Um golaço: mandou uma bomba de pé esquerdo que encobriu o goleiro Maizena. Um gol decisivo: estava 1 x 1 e o Internacional rondava a área do Grêmio. "Deus guardou o gol para o momento certo", berrava Cuca em seu dia inesquecível. Mais adiante, o zagueiro reserva Vilson erguia Assis nos ombros e o mostrava à massa enlouquecida, enquanto Nílson extravasava a mágoa que guardava de seu ex-clube. "Esse título tem um sabor especial por ter sido conquistado em cima deles", gritava o centroavante, artilheiro absoluto da competição com 22 gols.

Repetia-se, na verdade, a história dos últimos campeonatos: o Internacional vence os clássicos da fase classificatória e o Grêmio, os da decisiva. Neste ano, os colorados festejaram dois 1 x 0 que não valiam nada. No quadrangular, porém, os tricolores ganharam os dois: o primeiro por 1 x 0 e o segundo com mais uma humilhante goleada — que o Inter não aplica no Grêmio desde 1954, ano da inauguração do Olímpico. "Não houve exagero, a vitória ficou do tamanho da lógica do jogo", resumia o técnico Evaristo de Macedo.

"REPETIA-SE, NA VERDADE, A HISTÓRIA DOS ÚLTIMOS CAMPEONATOS: O INTERNACIONAL VENCE OS CLÁSSICOS DA FASE CLASSIFICATÓRIA E O GRÊMIO, OS DA DECISIVA"

29/7/90 OLÍMPICO (PORTO ALEGRE)
GRÊMIO 4 X 1 INTERNACIONAL
J: Renato Marsiglia; **R:** Cr$ 9 672 100; **P:** 24 916; **G:** Assis 5 do 1º; Zaballa 2, Cuca 19 e Paulo Egídio 31 e 40 do 2º; **CA:** Fábio, João Marcelo, Hélcio, Cuca, Darci, Norberto e Júlio; **E:** Marcelo Prates 26 do 2º
GRÊMIO: Mazarópi, Fábio, João Marcelo, Luís Eduardo e Hélcio; Jandir, Cuca e Assis; Darci, Nílson e Paulo Egídio.
T: Evaristo de Macedo
INTERNACIONAL: Maizena, Chiquinho, Sandro, Zaballa e Célio (Daniel); Norberto, Júlio e Luís Fernando (Rudinei); Marcelo Prates, Nélson e Edu. **T:** Ernesto Guedes

O vôo de Paulo Egídio (no alto), a arrancada de Jandir contra Luís Fernando: título com goleada é melhor

DENNER FOI A ESTRELA do 29º título estadual do Grêmio. Pena que o craque tenha vindo apenas para um empréstimo de poucos meses e que morreria no ano seguinte, num acidente de carro

FESTA ANTECIPADA NOS PAMPAS

Com duas rodadas de antecedência, o tricolor deu a volta olímpica, conquistando seu 29º estadual e impedindo, sem maiores problemas, o tri colorado

Muitos costumam afirmar que, no Brasil, só há previsões fáceis: a queda do ministro da Fazenda, o lançamento anual do LP de Roberto Carlos e a fase final do Campeonato Gaúcho. Esses mesmos gozadores terão que reformular a piada. Ao menos, em relação ao Gauchão.

Em 1993, não houve a tradicionalíssima decisão entre os dois gigantes dos pampas. O Internacional, bicampeão em 1992 e detentor de 31 títulos do Estado, ficou no meio do caminho. Sem adversários à altura, o Grêmio acabou papando seu 29º Gauchão sem maiores dramas. Sofreu apenas duas derrotas e colocou a mão na taça com duas rodadas de antecedência. Ao humilhado colorado sobrava o gostinho de, três dias depois da conquista tricolor, carimbar as faixas do rival. Não conseguiu. O clássico terminou empatado num frustrante 0 x 0 . Resta agora ao Inter admitir os erros e reforçar o elenco.

Foi o que fez o Grêmio no início da temporada. Ao reassumir o cargo de presidente do clube — dez anos depois do histórico título de campeão mundial de 1983, em Tóquio, contra o Hamburgo —, Fábio Koff investiu. Em apenas 30 dias, ele montou um time novo.

Para o gol, uma opção barata, Eduardo Heuser (ex-Goiás), que emprestou o passe por 10 mil dólares. Para a defesa, nomes de Seleção: Luiz Carlos Winck (ex-Inter), Paulão (ex-Cruzeiro), Geraldão (ex-Cruzeiro) e Eduardo (ex-Fluminense). Para o meio, contratações de vulto: Pingo (ex-Botafogo) e Denner (por quem o Grêmio pagou 240 mil dólares à Portuguesa, por um empréstimo de dois meses). No ataque, Fabinho (Corinthians) e Charles (ex-Bahia).

No papel, um belo time. Que, no entanto, não correspondeu de cara. Sob a batuta de Sérgio Cosme, revelou-se um time sem fibra. Pior: insubordinado taticamente. A diretoria mexeu-se e trouxe o disciplinador Cassiá para o lugar de Cosme. Ex-zagueiro do Grêmio em 1977, Cassiá, arregaçou as mangas e transformou a equipe apática numa esquadra de guerreiros, com destaque para dois jogadores formados ali mesmo — o versátil Carlos Miguel e o atacante Gílson, um centroavante daqueles que acreditam em todas.

Obediente e "pegador", o time contou ainda com o brilho de Denner. O mesmo craque que estourou em 1991, na final da Taça São Paulo de Juniores, justamente contra o Grêmio, comandando um massacre de 4 x 0. Era seu primeiro título. Neste segundo, também foi ele quem deu um toque de classe. Com arrancadas fulminantes, costurando três ou quatro adversários, o atrevido Denner contribuiu para os gols de Gílson, além de ter feito quatro. Queimou a língua dos céticos, que o julgavam franzino demais para o viril Gauchão. "Estou adaptado ao frio e ao barro dos campos do Sul", diz o jogador de 22 anos.

Na realidade, Denner também teve que se enquadrar à disciplina de Cassiá. Mimado, o craque foi repreendido por seus atrasos nos treinos. Quase foi barrado. Só disputou o primeiro Grenal — 1 x 0 para o Grêmio — depois de retratar-se com o treinador. Aceitou as regras e, jogo a jogo, transformou-se na grande arma para a conquista. Com o craque Denner, o Grêmio é, de fato, forte candidato ao título nacional. Sem ele, fica difícil qualquer previsão.

"MIMADO DESDE OS JUVENIS NA LUSA, DENNER FOI DURAMENTE REPREENDIDO POR SEUS CONSTANTES ATRASOS NOS TREINOS E CONCENTRAÇÕES. QUASE FOI BARRADO"

15/7/93 BOCA DO LOBO (PELOTAS)
PELOTAS 1 X 1 GRÊMIO
J: José Mocellin; **R:** Cr$ 1 312 150; **P:** 5 812; **G:** Caio 38 do 1º; Luiz Carlos 39 do 2º; **CA:** Eugênio e Renatinho
PELOTAS: Leonetti, Bruno, Eugênio, André (Zé Cley), Eduardo e Renatinho; Pablo, Elder (Alaor) e Luiz Carlos; Sidnei e Alexandre. **T:** Galego
GRÊMIO: Eduardo Heuser (Ademir Maria), Luís Carlos Winck, Paulão, Luciano e Carlos Miguel; Pingo, Jamir, Caio e Denner; Fabinho e Gílson (Marco Aurélio). **T:** Cassiá

Jamir, Carlos Miguel e o goleiro Eduardo: o tri colorado ficou pra próxima...

O GRÊMIO PASSOU SUCESSIVAMENTE POR CRICIÚMA, Corinthians, Vitória e Vasco, rumo a sua segunda Copa do Brasil. A expressão "time copeiro" começava a pegar

GANHOU O ESPECIALISTA

O Grêmio vence pela segunda vez a Copa do Brasil e se torna um perito em ganhar a competição, adquirindo o direito de disputar a próxima Libertadores da América

"Quantos minutos faltam?", perguntava insistentemente o goleiro Danrlei aos jornalistas postados atrás da meta gremista. A cena ainda se repetiria por mais de uma dezena de vezes ao longo daquele segundo tempo. Tanta ansiedade tinha um bom motivo: persistindo o resultado de 1 x 0, o Grêmio se consagraria campeão da Copa do Brasil e o jogador festejaria seu primeiro título nacional. Assim, quando o árbitro ergueu o braço direito e apitou o final da partida, ninguém se surpreendeu com a explosão de entusiasmo de Danrlei. A vitória contra o Ceará deu ao tricolor gaúcho seu segundo título da competição, o que lhe valeu a fama de especialista em Copa do Brasil. Afinal, em seis edições do evento, faturou duas (1989 e 1994) e chegou duas vezes ao vice-campeonato (1991 e 1993).

Para presentear sua torcida com mais um título nacional, o Grêmio lançou mão de uma fórmula bastante utilizada no futebol brasileiro: mesclar juventude e experiência em campo. Com os cofres vazios, os dirigentes gremistas investiram pouco em contratações, preferindo apostar na ascensão de jogadores jovens e no técnico e bom estrategista Luiz Felipe.

Campeão da mesma competição defendendo o Criciúma em 1991, Luiz Felipe soube trabalhar com a juventude do lateral-esquerdo Róger e do meio-campista Émerson, ambos vindos das categorias de base do clube, e a experiência dos zagueiros Paulão (ex- Cruzeiro) e Agnaldo (ex- Vitória). Em campo, o time jogou um futebol compacto, veloz e brigador. Nos dez jogos que disputou não perdeu nenhum: venceu seis e empatou quatro. Fez 13 gols e sofreu seis.

Derrubando equipes como Corinthians, Vasco, Criciúma e Vitória, os gaúchos assimilaram a estratégia pregada pelo treinador, como atestou o atacante Fabinho: "Numa competição que se joga ao estilo matar-ou-morrer, cada jogo é uma final." Foi assim em todas as partidas, principalmente naquelas disputadas fora, de casa, ocasiões em que o sistema defensivo era reforçado.

O título carimbou o passaporte para a próxima Libertadores, mas a vitória final veio numa partida contra um surpreendente Ceará, que havia desbancado o favoritismo de times como Internacional e o Palmeiras. Jogando em casa, na presença de 49 263 espectadores, o Grêmio conseguiu impor seu futebol. Em menos de cinco minutos já havia conseguido quatro escanteios, um dos quais resultou no gol do marcado de cabeça pelo centroavante Nildo. Mas apesar da supremacia gremista o Ceará não se entregava. Dos pés do veterano o meia Elói saíam as principais jogadas da equipe nordestina, que bravamente até o fim e quase arrancou um empate. O resultado (1 x 0) acabou por premiar o melhor time.

Com a taça nas mãos e festejado por seus jogadores, o pé-quente Luiz Felipe repetia a receita do sucesso: "Neste tipo de competição não é preciso ter um supertime. Basta acreditar no potencial e não menosprezar o adversário, seja ele quem for." E é com a mesma filosofia que em 1995 o Grêmio volta à Taça Libertadores, que conquistou em 1983, tentando erguer pela segunda vez o troféu de campeão sul-americano. Afinal, o tricolor é um time copeiro, verdadeiro especialista em torneios desse gênero.

"O PÉ-QUENTE LUIZ FELIPE REPETIA A RECEITA DO SUCESSO: 'NESTE TIPO DE COMPETIÇÃO NÃO É PRECISO TER UM SUPERTIME. BASTA ACREDITAR NO POTENCIAL E NÃO MENOSPREZAR O ADVERSÁRIO'"

10/8/94 OLÍMPICO (PORTO ALEGRE)
GRÊMIO 1 X 0 CEARÁ
J: Oscar Roberto Godoi (SP);
R: R$ 259 736; **P:** 49 263; **G:** Nildo 3 do 1º;
CA: Chico, Ronaldo, Aírton, Mastrillo, Catatau, Ivanildo, Carlos Miguel e Agnaldo;
E: Sérgio Alves 31 e Vítor Hugo 40 do 2º
GRÊMIO: Danrlei, Ayupe, Paulão, Agnaldo e Roger; Jamir, Émerson e Carlos Miguel (Wallace); Fabinho e Nildo (Carlinhos).
T: Luiz Felipe Scolari
CEARÁ: Chico, Ronaldo, Aírton, Vítor Hugo e Claudenésio; Mastrillo, Ivanildo e Elói; Catatau, Gerônimo e Sérgio Alves.
T: Dimas Figueira

Pingo peita o Ceará do veterano Elói: aa Copa do Brasil tinha dono

O GRÊMIO venceu o primeiro jogo da final contra o Nacional por 3 x 1 e podia perder até por um gol de diferença na Colômbia. E nãpo é que quase perdeu por mais? O título precisava ser sofrido e o tricolor só fez a torcida respirar aos 40 minutos do segundo tempo

RUMO À TÓQUIO (VIA SBÓRNIA)

O Grêmio não toma jeito. Para carimbar o passaporte que o levará à decisão do Mundial contra o Ajax, foi um sofrimento só. Os músicos de Tangos e Tragédias, Kraunus e Pletskaya, sbornianos da gema e gremistas de coração, contam como foi a conquista da América

>> **POR HIQUE GOMES**

Fala Pletskaya

No dia em que o Grêmio enfrentou o Nacional do cartel de Medellín em Porto Alegre, eu folheava despretensiosamente a Grande Enciclopédia da Sbórnia quando deparei com o verbete Paixão. Dizia lá que era o que movia esta grande geringonça criada pelo Todo-Poderoso. A paixão é uma armadilha que serve para a manutenção da espécie humana (a procriação). Já a paixão futebolística serve para a manutenção dos clubes. Senti que poderia encontrar a mulher dos meus sonhos, o sentido dessa minha vida sem sentido no Estádio Olímpico. Junto a milhares de torcedores, sabia que ela estava lá. Noventa minutos era o tempo que tinha.

Fala Kraunus

O jogo começou e meu vizinho começa a reagir. Ofegante e com uma camisa listrada delineando sua enorme pança, ele empunha uma coxa de galinha com a mão direita e um copo de cerveja com a canhota. Assim que Paulo Nunes corre na altura do Mastercard, passa pela placa do Bradesco e entra na zona do Itaú, meu vizinho começa a mexer os braços, derruba a cerveja e, com a boca cheia de galinha, grita a plenos pulmões: VAI, VAI, VAI! Mas Paulo Nunes chuta e a bola bate no Zebu Jeans. Higuita catimba, o que irrita muito o meu vizinho: "Chuta essa bola, sua bicha". O jogo segue nessa agonia até que o zagueiro do Nacional faz gol contra.

Fala Pletskaya

Eu não conseguia me movimentar no meio daquela multidão que lotava o Olímpico. Parecia até o Nacional do cartel de Medellín em campo. Queria jogo, queria me jogar aos pés dessa mulher e fazer gol com bola e tudo, mas não na porrada. Quando vi o jogador do cartel dar um soco nas costas do gremista, pensei que pintava o campeão da Libertadores. Seria uma homenagem aos descobridores da América, que também foram desleais e covardes com os índios que aqui viviam.

Fala Kraunus

Depois que Higuita entregou aquela para Jardel marcar o segundo gol do Grêmio, tudo foi festa na casa do gordo G. Ladeira. Lá na Colômbia o jogo foi mais nervoso, principalmente pela TV Bandeirantes. No Estádio Olímpico havia uma faixa enorme dizendo "Fica, Jardel", a qual só foi fazer sentido para mim quando o jogador em questão pôs para fora a primeira chance de gol. A torcida gaúcha já queria que ele não fosse para Medellín... E então veio o gol deles antes dos 15 minutos. Terror, pânico, culpa. Meu vizinho não parava na frente da TV. Caminhava de um lado para outro na areazinha do tanque. Os narradores da TV diziam que seria melhor o primeiro tempo acabar o quanto antes. Mas enfim veio o pênalti. Cumpriu-se o que estava escrito nas estrelas, provando que o destino é ainda mais forte do que o cartel.

Fala Pletskaya

Eu não conseguia encontrar minha amada eterna naqueles 3 x 1 em Porto Alegre e nem olhei pela TV o jogo na Colômbia. Mas fiquei sabendo que o Grêmio jogou bola e foi para cima deles. Viva o Grêmio Football Portoalegrense, campeão gaúcho, vice do Brasil e campeão da América. E até 14 de dezembro, em Tóquio.

"HIGUITA COMEÇA A CATIMBAR, O QUE IRRITA MUITO O MEU VIZINHO: 'CHUTA ESSA BOLA, BICHA'"

30/8/95 ATANASIO GIRARDOT (MEDELLÍN)

GRÊMIO 1 X 1 ATLÉTICO NACIONAL-COL

J: Salvador Imperatore (Chile); **P:** 50 000; **G:** Aristizábal 12 do 1º, Dinho (pênalti) 40 do 2º; **E:** Luís Carlos Goiano

GRÊMIO: Danrlei, Arce, Rivarola, Adílson (Luciano) e Roger; Dinho, Luís Carlos Goiano, Arílson e Carlos Miguel; Paulo Nunes (Alexandre) e Jardel (Nildo).

T: Luiz Felipe Scolari

NACIONAL: Higuita, Santa (Herrera), Marulanda, Foronda e Mosquera (Pabón); Gutiérrez, Serna, Alexis García e Arango (Matamba); Angel, Aristizabal.

T: Juan José Peláez

O Grêmio faz a festa na Colômbia: só na hora das medalhas deu para relaxar e sorrir

O JOVEM TIME DO AJAX, que havia substituído naquele ano o Milan como melhor time da Europa, era arquifavorito. Mas o Grêmio conseguiu levar a decisão para os pênaltis

O DIA EM QUE O GRÊMIO ENCAROU O AJAX

O veredicto parecia definitivo. Na hora da verdade, porém, o azarão tirou seus ases do fundo do poncho e até poderia ter vencido se não pisasse na bola

>> POR SÉRGIO XAVIER FILHO

Responda rápido: qual o título mais importante que um clube europeu pode ambicionar? Se você respondeu o Mundial Interclubes, é melhor treinar a pontaria. No velho continente, o campeonato predileto é a Copa dos Campeões, enquanto o Mundial Interclubes é encarado como um troféu a mais. Com o Ajax não foi diferente. Dez dias antes de vencer o Grêmio por 4 x 3 na cobrança de pênaltis, o time gastou todo o talento e o suor na vitória de 2 x 0 contra o Real Madrid. Chegou a Tóquio quatro dias antes da final, dando a impressão de que estava lá para visitar templos budistas e devorar sashimis.

No Grêmio, o processo foi inverso. A idéia fixa no Mundial quase custou o rebaixamento para a Segunda Divisão brasileira. Depois de Grêmio x Ajax, o defensor holandês Blind fez um afago no povo nipônico dizendo que aquele fora o jogo mais importante do ano. Para os gremistas, não era apenas a principal partida do ano, mas o jogo mais importante de sua vida.

Se algum dia mister David Elleray, árbitro inglês do jogo, percorrer o Brasil em viagem de turismo, é recomendável que o Rio Grande do Sul não seja incluído no roteiro. Para a torcida gremista, o juiz foi responsável direto pela derrota tricolor em Tóquio ao expulsar o zagueiro Rivarola, distribuindo quatro cartões amarelos para o time azul e apenas um para o Ajax. A "má intenção" do árbitro, contudo, nada mais é do que um reflexo das orientações da Fifa seguidas pelo futebol europeu e desprezadas pelos sul-americanos. Independentemente da violência da falta, quando cometida por trás é punida na Europa sempre com cartão amarelo. Os gremistas passaram o tempo todo protestando, mas em nenhum momento se deram conta de que o Ajax — mesmo não sendo uma seleção de samaritanos — evitou as faltas pelas costas.

O técnico do Ajax, Louis van Gaal, sabia que o time dirigido pelo ex-zagueiro Luís Felipe não se defenderia como numa pelada de casados contra solteiros. Ele só não esperava o abafa que Felipão ordenou na saída de bola do Ajax. O ataque gremista obrigou o goleiro holandês a diversos chutões e não foi por outra razão que o time gaúcho dominou os primeiros minutos da partida. Apesar de Luíz Felipe ter passado quase 120 minutos berrando à beira do campo, a tática não surtiu o efeito desejado porque o ataque gaúcho cansou e não conseguiu sustentar essa pressão.

No esforço de preservar os jogadores, a comissão técnica do Grêmio talvez tenha errado na mão. Instituiu um regime de campo de concentração que quase levou à loucura os boleiros. Depois de duas semanas de semi-internato na cidade gaúcha de Gramado, o time passou dez dias entre treino e hotel, hotel e treino. "O pior é que, quando a gente cruza com algum torcedor, precisa agüentar frases como 'você deveria estar no quarto se cuidando'", disse o zagueiro Luciano no único passeio realizado pelo grupo nas redondezas do hotel. O goleiro Danrlei teve que recorrer à boa vontade do representante da Mizuno, Luís Augusto Braga, que o socorreu com compras no Hard Rock Café de Tóquio. "Se não levo nada para minha namorada, que agora está grávida e sensível, ela me mata", diz Danrlei.

"SE ALGUM DIA MISTER DAVID ELLERAY, ÁRBITRO INGLÊS DO JOGO, PERCORRER O BRASIL EM VIAGEM DE TURISMO, É RECOMENDÁVEL QUE O RIO GRANDE DO SUL NÃO SEJA INCLUÍDO NO ROTEIRO"

28/11/95 NACIONAL (TÓQUIO)
GRÊMIO 0 X 0 AJAX
J: David Elleray (Inglaterra); **P:** 47 119; **CA:** Arce, Gélson, Arílson, Luís Carlos Goiano, Davids e Kanu; **E:** Rivarola; **Nos pênaltis:** Ajax 4 (Ronald de Boer, Frank de Boer, Finidi e Blind; Kluivert perdeu) x 3 Grêmio (Magno, Gélson e Adílson; Dinho e Arce perderam)
GRÊMIO: Danrlei, Arce, Rivarola, Adílson e Roger; Dinho, Luís Carlos Goiano, Arílson (Luciano) e Carlos Miguel (Gélson); Paulo Nunes e Jardel (Magno).
T: Luiz Felipe Scolari
AJAX: Van der Sar, Frank de Boer, Reiziger e Bogarde; Blind, Ronald de Boer, Davids e Litmanen (Reuser); Finidi, Kluivert e Overmars (Kanu). **T:** Louis van Gaal

RICARDO CORRÊA

Paulo Nunes em Tóquio: o Grêmio descobriu tarde que podia ganhar o jogo

A PORTUGUESA, ZEBRA conseguiria segurar a vantagem de um gol obtida no primeiro jogo decisivo, no Morumbi? O Grêmio "copeiro" de Luiz Felipe Scolari provaria que não

ATÉ A PÉ NÓS IREMOS

Time copeiro, equipe de guerreiros. Em meio a tantos chavões, o Grêmio papa mais um título e inicia a sua caminhada para a Libertadores 97

>> **POR LÉO GERCHMANN E SÉRGIO XAVIER FILHO**

O perfil retranqueiro esfarelou-se também em 1996, quando os tricolores acabaram o Campeonato Brasileiro com o ataque mais positivo (52 gols). Por trás das embalagens está um ex-becão de fazenda, com cara de tiozão e poucas papas na língua. Luiz Felipe Scolari, aos 39 anos, três à frente do Grêmio, inventou um estilo todo especial de comandar jogadores. A contradição é a sua marca e, por incrível que pareça, a sua maior virtude. Poucos técnicos são tão grosseiros em público com atletas. Ao mesmo tempo, Felipão é amigão dos boleiros. Tome-se, por exemplo, a apresentação do meia Aílton, em 25 de março do ano passado. "Bem, Aílton, falam por aí que sou isso e aquilo, que mando jogador meu bater no adversário. Quero combinar o seguinte contigo: vamos dar um mês para nos conhecermos", disse Luiz Felipe. De lá para cá, Felipão bateu e assoprou. Aílton foi titular, passou para a reserva, foi xingado pela torcida, mas jamais perdeu a confiança do técnico. Tanto que ele foi o jogador que mais partidas jogou no Brasileirão de 1996, além de ter marcado o gol na final contra a Lusa.

Do mesmo jeito que consegue essa complicada liga de amizade e autoridade, Felipão desenvolveu o tal "time copeiro". O fenômeno é mais ou menos assim: o Grêmio canaliza toda a sua energia para os jogos que precisa ganhar e relaxa quando está sossegado na tabela de classificação. É como se a equipe jogasse sempre para o gasto. Na reta final do Brasileiro, o time já estava com a classificação na mão e se deu ao luxo de perder quatro dos seus últimos cinco jogos. Contra o Palmeiras nas quartas-de-final, o time podia perder de 1 x 0. Perdeu de 1 x 0. Contra a Portuguesa, precisava ganhar de 2 x 0. Ganhou de 2 x 0. Sem show, sempre com eficiência.

Outra arma de Felipão é a estabilidade. Num futebol em que se troca de jogadores em velocidade supersônica, o Grêmio acreditou no conjunto. Em três anos, o time perdeu o meia Arílson e o artilheiro Jardel. Sem alternativas para o lugar de Jardel, o frangote parafinado do Flamengo, Paulo Nunes, foi testado. Surpresa. O ex-surfista de 1,74 m, que Felipão já havia transformado em atacante corajoso e objetivo, fez gol de cabeça, pé direito, pé esquerdo e até de bicicleta. "Aprendi a jogar diferente com o Felipe", reconhece Paulo Nunes, um dos goleadores do Brasileiro, com 16 gols.

Para completar a receita gremista, há a tal "garra gaúcha". O significado da expressão é "não existe bola perdida". Quando Dinho ou Rivarola partem para o lance, nem cogitam a possibilidade de serem driblados. É ficar com a bola ou derrubar o adversário. Nada tão diferente do futebol praticado em São Paulo, Recife, Itália ou Albânia. A diferença é que, se o jogo for decisivo, o Grêmio cumprirá essa missão o tempo todo.

"O GRÊMIO CANALIZA TODA A SUA ENERGIA PARA OS JOGOS QUE PRECISA GANHAR E RELAXA QUANDO ESTÁ SOSSEGADO NA TABELA DE CLASSIFICAÇÃO. É COMO SE A EQUIPE JOGASSE SEMPRE PARA O GASTO"

15/12/96 OLÍMPICO (PORTO ALEGRE)
GRÊMIO 2 X 0 PORTUGUESA
J: Márcio Rezende de Freitas (MG); **R:** R$ 502 151; **P:** 42 587; **G:** Paulo Nunes 3 do 1º; Aílton 39 do 2º; **CA:** Gallo, Flávio, Luiz Carlos Goiano e Dinho
GRÊMIO: Danrlei, Arce, Rivarola (Luciano), Mauro Galvão e Roger; Dinho (Aílton), Luiz Carlos Goiano, Emerson (Zé Afonso) e Carlos Miguel; Paulo Nunes e Zé Alcino. **T:** Luiz Felipe Scolari
PORTUGUESA: Clemer, Valmir, Emerson, César e Carlos Roberto (Flávio); Capitão, Gallo, Caio e Zé Roberto; Alex Alves e Rodrigo (Tico). **T:** Candinho

PISCO DEL GAISO

Ailton, o artilheiro das decisões, comemora e berra: "Eu sou f."

NO MARACANÃ LOTADO, diante do Flamengo de Romário. Uma conquista memorável, depois de passar por Fortaleza, Portuguesa, Vitória e Corinthians

CONTRA TUDO E CONTRA TODOS

O Grêmio conquista a Copa do Brasil e confirma a condição de melhor time do país

A proposta que pousou na mesa do presidente do Grêmio, Luís Carlos Silveira Martins, o Cacalo, parecia irrecusável. O Corinthians, sentado em cima dos cofres do Banco Excel, oferecia 6 milhões de reais pelo atacante Paulo Nunes. Um negocião, já que o jogador havia chegado ao time gaúcho por 700 mil dólares, como contrapeso na contratação do atacante flamenguista Magno. O presidente balançou, perdeu noites de sono, mas resistiu ao canto da sereia corintiana. Quatro meses depois, o dirigente comemorava a decisão. Paulo Nunes havia se transformado no herói da conquista da Copa do Brasil. Na final, dentro de um Maracanã rubro-negro, o atacante não marcou nenhum gol do empate de 2 x 2 com o Flamengo, mas deu o passe para o primeiro tento e passou o jogo inteiro semeando o pânico no adversário.

Paulo Nunes terminou a Copa do Brasil como artilheiro (nove gols) e melhor jogador. Repetiu assim o feito do Campeonato Brasileiro, quando também terminou campeão e goleador (16 gols). "Bendito o dia em que não vendi Paulo Nunes", comemora Cacalo. Com o atacante — e o próprio time — em grande fase, a torcida encheu o estádio e pelo menos 3 milhões de reais entraram nos cofres gremistas.

"Este não é de mais ninguém", vibrava o capitão Mauro Galvão no Maracanã. Essa talvez tenha sido a mais dramática conquista do esquadrão gremista. Em metade das partidas, a equipe sofreu expulsões. Verdade que muitos dos cartões vermelhos foram merecidos.

Outro complicador foi disputar a Libertadores simultaneamente. Numa terça-feira, o time enfrentou o Guaraní, do Paraguai. Ganhou numa dramática disputa de pênaltis. Em menos de 48 horas, o time entrava de novo em campo para enfrentar o Corinthians pela Copa do Brasil. "Não sei de onde a gente tira tanta força", exulta Paulo Nunes. "Nós nem dormimos direito naquela semana." Mas quem não dormiu direito foram os corintianos, derrotados por 2 x 1 em casa.

Mas onde está o segredo do sucesso do Grêmio?

1) O clube prioriza as competições nacionais e internacionais. Já em 1994 colocou uma equipe mista para disputar o estadual, concentrando forças na Copa do Brasil e na Libertadores.

2) O tricolor vive numa estabilidade administrativa desde que o grupo político de Fábio Koff assumiu o poder. Koff passou o bastão para Cacalo e continuou como eminência parda do clube.

3) A estabilidade se estende à comissão técnica. O técnico Luiz Felipe Scolari ganhou a Libertadores e o Brasileiro, e só saiu por vontade própria. Em seu lugar assumiu Evaristo de Macedo, que manteve o mesmo elenco.

4) A sagacidade na hora de fechar negócios é outra faceta do Grêmio. Comprou o atacante Jardel por 1 milhão de reais e o meia Arílson por 30 mil. Jardel foi vendido por 2 milhões e Arílson por 3 milhões.

5) O clube investiu nas categorias de base, de onde saíram Danrlei, Roger, Carlos Miguel, Rodrigo Gral e Murilo.

Apesar do cansaço e do olho grande dos adversários, o Grêmio conseguiu se impor e ganhar um título nacional. E o grito da torcida tricolor — "Ah, eu sou gaúcho" — reverbera até hoje nos ouvidos de baianos, paulistas e cariocas.

"O GRÊMIO COMPROU O ATACANTE JARDEL POR 1 MILHÃO DE REAIS E O MEIA ARÍLSON POR 30 MIL. JARDEL FOI VENDIDO POR 2 MILHÕES E ARÍLSON POR 3 MILHÕES. LUCRO DE QUASE 4 MILHÕES"

22/5/97 MARACANÃ (RIO)
FLAMENGO 2 X 2 GRÊMIO
J: Wilson de Souza Mendonça (PE); **R:** R$ 1 264 375; **P:** 95 125; **G:** João Antônio 6, Lúcio 30 e Romário 41 do 1º; Carlos Miguel 34 do 2º; **CA:** Rodrigo Gral, Mauro Galvão, Otacílio, Jamir, Nélio e Fábio Baiano
FLAMENGO: Zé Carlos, Fábio Baiano, Luiz Alberto, Fabiano e Athirson; Jamir, Maurinho, Evandro e Nélio (Iranildo); Romário e Sávio (Lúcio). **T:** Sebastião Rocha
GRÊMIO: Danrlei, Arce, Rivarola (Luciano), Mauro Galvão e Roger; Otacílio, João Antônio, Émerson e Carlos Miguel; Paulo Nunes (Djair) e Rodrigo Gral (Marcos Paulo). **T:** Evaristo de Macedo

Carlos Miguel marca o gol do título e ergue a taça com o grupo: festa no Maracanã

RONALDINHO COMEÇAVA a brilhar pelo Grêmio. Quem não se lembra dos inesquecíveis dribles em cima de Dunga na decisão?

O MELHOR, APENAS O MELHOR

Com seu "Banguzinho" ou com o time titular, o Grêmio derrota o Internacional de virada nas finais e reassume a supremacia gaúcha

» POR JOSÉ ALBERTO ANDRADE

Não dava mesmo para o Internacional ter tirado das mãos do Grêmio o título gaúcho de 1999. Primeiro, porque foi do tricolor a melhor campanha, com 18 vitórias em 24 jogos. Depois, porque, na hora da decisão — quando, aí sim, uma zebra poderia acontecer —, Ronaldo fez a diferença. O menino de ouro simplesmente destruiu, quase sozinho, a vantagem colorada nas finais, iniciada com um gol do zagueiro Gonçalves no Beira Rio. Na primeira revanche, no Olímpico, ele fez um dos dois gols (o outro foi de Agnaldo) que devolveram ao Grêmio a vantagem do empate na decisão. E no jogo seguinte deu início à festa com outro golaço.

O Grêmio campeão gaúcho não deu show. Desde o início ficou claro que o clube tinha pretensões maiores (Copa do Brasil e Copa Sul) e o estadual seria disputado com a equipe possível. Só que, nessa realidade, o Tricolor fez bonito. Mesmo colocando em campo o seu "Banguzinho", o Grêmio fez a melhor campanha nas duas primeiras fases.

É fato que, na hora da verdade, o técnico Celso Roth atacou com o que tinha de melhor. Se no primeiro jogo das finais o Internacional se aproveitou da enfermaria tricolor (Macedo, Capitão, Arílson e outros que estavam contundidos) e levou a melhor pela contagem mínima no Beira Rio, a recuperação veio a galope nos dois jogos do Olímpico.

Aliás, o time teve em seus 24 jogos do campeonato nada menos do que 24 escalações diferentes. Lesões ou suspensões impediram Celso Roth de repetir uma mesma formação. Jogadores como Cleison, Zé Carlos, Capitão ou Magrão foram contratados especificamente para o Gauchão, mas tiveram problemas médicos. Não foram os únicos. O listão de contundidos na competição foi extenso a ponto de gerar desconfiança quanto à preparação física. Chegou-se ao caso extremo de o time perder três jogadores lesionados no primeiro tempo e mais um na etapa final contra o Avenida, em Santa Cruz. Enquanto isso, o Inter, que montara um time novo no começo do ano (com Gonçalves, Dunga, Elivélton e cia.), perdia a Copa do Brasil e apostava tudo no Gauchão.

Em meio a tudo isso se notava no Grêmio a genialidade de Ronaldo — o dono do Gauchão, com direito a dribles, golaço de falta e futebol de gente grande nas finais —, a eficiência de Róger, a garra de Rodrigo Gral, a experiência de Capitão e a personalidade de Scheidt como pontos marcantes.

A torcida, contudo, mesmo delirando com a magia de Ronaldo em cada jogo, parece que só perdeu a desconfiança com o time depois do último jogo da final. A dupla vitória sobre o Inter e a quebra de um jejum de quase três anos sem ganhar clássicos devolveram a alegria ao exigente torcedor gremista. Exigente — e, talvez por isso mesmo, campeão mais uma vez.

"O MENINO DE OURO SIMPLESMENTE DESTRUIU, QUASE SOZINHO, A VANTAGEM COLORADA NAS FINAIS, INICIADA COM UM GOL DO ZAGUEIRO GONÇALVES NO BEIRA RIO"

20/6/99 OLÍMPICO (PORTO ALEGRE)
GRÊMIO 1 X 0 INTERNACIONAL
J: Carlos Eugênio Símon; **G:** Ronaldinho Gaúcho 43 do 1º; **CA:** Émerson, Éder, Christian, Danrlei, Elivélton, Zé Afonso, Agnaldo e Ânderson
GRÊMIO: Danrlei, Ronaldo Alves, Émerson e Éder; Itaqui, Fabinho (Djair), Capitão, Ronaldinho Gaúcho e Róger; Agnaldo (Zé Afonso) e Rodrigo Gral (Cleison). **T:** Celso Roth
INTERNACIONAL: André, Lúcio, Gonçalves e Régis (Almir); Enciso, Ânderson (João Santos), Dunga, Claiton e Elivélton; Fabiano e Christian. **T:** Paulo Autuori

Macedo, contra o Juventude, Danrlei, contra o Inter: título e fim de jejum

SE ALGUÉM AINDA TINHA DÚVIDA sobre que clube era o rei da Copa do Brasil, deixou de ter após a brilhante atuação gremista, dentro do Morumbi, contra o Corinthians. Uma vitória incontestável

PRESSÃO TOTAL

O Grêmio foi campeão no Morumbi, como em 1981, de meias azuis, como em 1983. E ainda dando uma lição a todo o Brasil, sobre como jogar futebol no novo século

>> **POR PAULO VINÍCIUS COELHO**

Foi no Morumbi que o Grêmio conseguiu sua primeira conquista nacional. Qualquer gremista se lembra de Renato Sá ajeitando de cabeça e Baltazar fuzilando o são-paulino Waldir Peres, há 20 anos. Foi com calções brancos e meias azuis que o Grêmio entrou em campo em Tóquio, para a final do Mundial Interclubes de 1983, contra o Hamburgo, da Alemanha. Foi esse o uniforme, no lugar dos tradicionais calções pretos e meias brancas, que se confundiam com o uniforme dos alemães.

O Grêmio de 2001 tinha as meias azuis e o Morumbi como palco. E, se os campeões do passado não conseguiram se livrar da discriminação dos paulistas, que sempre procuravam um defeito em cada conquista – em 1981, o time era defensivo, em 1983, um exército cheio de jogadores de aluguel – a versão 2001 do Grêmio tem muito a ensinar ao Brasil.

Na equipe de Tite, a defesa ataca, como mostrou Marinho, zagueiro de chuteiras brancas, no primeiro gol. E o ataque defende, como ficou claro nas duas partidas das finais contra o Corinthians. No Morumbi, Marcelinho e Luiz Mário não permitiam que João Carlos e Scheidt começassem as jogadas pelo chão, como o Corinthians se habituou. Zinho vigiava Marcos Senna, Ânderson e Rubens Cardoso protegiam os avanços de Rogério e Kléber. E ainda tinha Zinho fechando a saída dos volantes Marcos Senna e Otacílio (ele precisava?).

Ah, mas o Corinthians tem Marcelinho Carioca, Ricardinho, Ewerthon e Müller, diria o mais fanático torcedor paulista. Tinha, responderia o técnico Tite. Porque Müller e Ewerthon mal puderam jogar, tão marcados que foram por Roger e Marinho, no Morumbi – Mauro Galvão ficava na sobra. Para completar, Ânderson Polga não dava sossego a Marcelinho Carioca e Tinga... Bem, Tinga armava, desarmava e ainda não deixava Ricardinho pegar na bola.

"Marcamos a saída de bola contra times que saem com bola no chão", dizia Tite, antes da final. Quem avisa amigo é. Como os corintianos não ouviram, tiveram de dar bicos da defesa para o ataque, rifar a bola e entregá-la de bandeja para o Grêmio ser campeão.

Pressionando, o Grêmio forçava o erro do adversário. E João Carlos, como se tivesse nascido em Porto Alegre vestido de azul, deixou para Marcelinho rolar para trás, para Zinho marcar o gol do tetracampeonato da Copa do Brasil.

Uma semana antes, Zinho avisou: no dia de seu 34º aniversário, queria o título da Copa do Brasil como presente. Teve mais. Ganhou o prêmio de melhor jogador em campo. Fruto de um cruzamento perfeito para o primeiro gol, de Marinho, do segundo gol que marcou de pé esquerdo e de um passe milimétrico que iniciou a jogada do gol do título, marcado por Marcelinho Paraíba.

Fechou o placar em 3 x 1. Sim, porque houve um único cochilo, que permitiu a Ewerthon fazer para o Corinthians, aos 29 minutos do segundo tempo, tempo suficiente apenas para o Grêmio passar 16 minutos jogando em seu velho estilo. Em vez de marcar no campo de ataque, fechar espaços na defesa. Em vez de forçar o erro do rival, atraí-lo para seu campo e sair em velocidade. Como autêntico time copeiro, coisa que o Grêmio sempre foi. E, como copeiro, agora já se credencia para novas jornadas. Depois de três anos, o time volta à Copa Libertadores. É tempo, então, da América aprender com o time da pressão total.

"'MARCAMOS A SAÍDA DE BOLA CONTRA TIMES QUE SAEM COM BOLA NO CHÃO', DIZIA TITE, ANTES DA FINAL. QUEM AVISA AMIGO É"

17/6 MORUMBI (SÃO PAULO)

CORINTHIANS 1 X 3 GRÊMIO

J: Antônio Pereira da Silva (GO);
G: Marinho 42 do 1º; Zinho 2, Ewerthon 29, Marcelinho Paraíba 42 do 2º;
CA: Ânderson, Kléber, Ewerthon, Alex Xavier, Roger, Gil; **E:** Scheidt 24 do 2º
CORINTHIANS: Maurício, Rogério (Andrezinho), João Carlos, Scheidt e Kléber; Otacílio, Marcos Senna (Pereira), Marcelinho e Ricardinho; Müller (Gil) e Ewerthon. **T:** Wanderley Luxemburgo
GRÊMIO: Danrlei, Mauro Galvão (Alex Xavier), Marinho e Roger; Ânderson Lima (Itaqui), Tinga, Ânderson Polga, Zinho e Rubens Cardoso; Luiz Mário (Fábio Baiano) e Marcelinho. **T:** Tite

O capitão Zinho comemora com Danrlei: É tetra, é tetra!

FOI O ANO DE MARCELINHO PARAÍBA, que contribuiu com 11 gols para que o Grêmio empatasse com o Inter em número de títulos estaduais: 33 para cada lado

E AGORA, INTER?

Depois de duas vitórias contra o Juventude na decisão, o Grêmio chega com facilidade ao 33º título gaúcho e iguala a marca do Internacional, deixando a conquista ainda mais memorável

>> POR ANDRÉ RIZEK

A decisão do campeonato foi a síntese da campanha gremista em seu 33º título gaúcho, igualando a marca do Inter e derrubando ainda mais o já abalado orgulho colorado (agora, só falta buscar a vantagem no Grenal: está 129 x 112 para o Inter). Foi uma final das mais fáceis para um legítimo campeão – o Grêmio só perdeu uma partida em todo o torneio. E, já que o maior rival não teve competência para se colocar no meio do caminho, não havia na prática nenhum rival para parar o tricolor. O Juventude, que já havia perdido a primeira da série de duas ou três partidas finais por 3 x 2, precisava pelo menos empatar para provocar mais um duelo. Com 9 minutos, já perdia por 2 x 0 num Olímpico lotado, que viu o Tricolor fazer, sem esforço, 3 x 1 no placar final.

Ânderson Polga, que atuou como um dos três zagueiros no esquema com líbero, armado ao longo do campeonato por Tite, abriu o placar logo aos 4 minutos. Zinho bateu falta da direita. De costas para o gol, Polga cabeceou no canto direito do goleiro Diego.

Era um massacre, o Juventude foi atropelado sem dó nos primeiros 15 minutos. Aos 9, já estava 2 x 0. O artilheiro gremista Marcelinho também marcou na final. Dessa vez, em bela cobrança de falta, e novamente acompanhada por seu marketing regional. Para comemorar o 11º gol no torneio, atrás apenas de Chiquinho, do São José, que fez 15, Marcelinho exibiu por baixo do manto tricolor: "Conheça o São João de Campina Grande", em referência à festa junina de sua cidade na Paraíba. No Sul, ele virou "100% Paraúcho", e bem rápido. Depois da Copa do Brasil, agora ele vai bolar mensagens em alemão para comemorar os seus feitos pelo Hertha Berlin. Despede-se campeão.

O campeonato acabou aos 9 minutos do primeiro tempo, mas o ofensivo Grêmio de Tite dominou até o final. Eduardo Costa acertou de fora de área no segundo tempo: 3 x 0. Dauri diminuiu aos 34, mas a essa altura ninguém no Olímpico já se preocupava com isso.

Como em toda a campanha, não houve um único herói, um astro a se destacar no campeão, que terminou a competição sem Rodrigo Mendes, Fábio Baiano e Warley, lesionados. Só não fizeram mais falta porque este Grêmio que dependia apenas de Ronaldinho agora não é mais o time de um ou poucos homens. O conjunto sempre foi a principal arma de Tite, técnico que conquista o bi após ter levantado a taça pelo Caxias ano passado.

"PARA COMEMORAR O 11º GOL NO TORNEIO, MARCELINHO EXIBIU POR BAIXO DO MANTO TRICOLOR: 'CONHEÇA O SÃO JOÃO DE CAMPINA GRANDE', EM REFERÊNCIA À FESTA JUNINA DE SUA CIDADE NA PARAÍBA"

3/6/01 OLÍMPICO (PORTO ALEGRE)
GRÊMIO 3 X 1 JUVENTUDE
J: Carlos Eugênio Símon; **G:** Ânderson Polga 4, Marcelinho 9 do 1º; Eduardo Costa 26 e Dauri 34 do 2º; **CA:** Ânderson Polga, Tinga, Mauro Galvão, Márcio, Fernando, Ivo, Ivair e Leonardo Manzi
GRÊMIO: Danrlei, Mauro Galvão, Marinho e Ânderson Polga; Ânderson Lima, Eduardo Costa, Tinga (Itaqui), Zinho e Rubens Cardoso; Luiz Mário (Renato Martins) e Marcelinho Paraíba (Roger). **T:** Tite
JUVENTUDE: Diego, Ivo (Michel), Fernandão, Márcio (Kiko) e João Marcelo, Ivair, Sídnei, Fernando e Dauri; Luciano Fonseca (Pontes) e Leonardo Manzi.
T: Hélio dos Anjos

Eduardo Costa, observado por
Ânderson Lima, sufoca o técnico Tite:
poucos títulos foram tão fáceis

GRÊMIO CAMPEÃO MUNDIAL INTERCLUBES 1983

EM PÉ: PAULO ROBERTO, MAZARÓPI, BAIDEK, CHINA, PAULO CÉSAR E DE LEÓN; AGACHADOS: RENATO GAÚCHO, OSVALDO, TARCISO, PAULO CÉSAR CAJU E MÁRIO SÉRGIO

JURANDIR SILVEIRA